

Dândi
Kitsch

Eugénie de Guérin
Blattia Didier

4

BASTIDORES

Alain Corbin

IV: PERROT, Michelle (org.)

História da Vida Privada: da Revolução
Francesa à Primeira Guerra.

Vol. 4, São Paulo, Companhia de
Letras, 1992, p. 413-465.

AULA
19



jacobinismo
habeas corpus
perquirição: investigação

A Declaração dos Direitos do Homem marca, segundo Louis Dumont, o triunfo do indivíduo. Mas, no século XIX, este permanece como uma categoria abstrata, ainda mal definida. O cidadão conquista lentamente a plenitude de seus poderes. Estabelecido de uma vez por todas em 1848, o sufrágio universal é exclusivamente masculino. O segredo do voto não é garantido até 1913, data em que se prescreve o uso do isolamento e da cédula em envelope.

O indivíduo carece de faculdades legais. Os constituintes teriam desejado ir mais adiante na determinação de suas prerrogativas. Mas foram levados pelas "circunstâncias"; ou, em maior profundidade, por um jacobinismo fundamental, resistente ao advento de um verdadeiro habeas corpus, o qual, ainda hoje, está por ser adotado pelo direito francês. Entretanto esta preocupação existe. O domicílio é declarado inviolável (1792) e as perquirições noturnas, proibidas (1795). A residência e a noite delineiam um espaço-tempo da privacy em torno do corpo ao qual se atribui a dignidade (supressão da maioria das penas infamantes) e a liberdade. O homossexualismo, por exemplo, não é mais um delito, exceto caso se faça acompanhar de ultraje público ao pudor.

Os progressos jurídicos do século XIX titubeiam diante do poder estatal ou familiar. O direito ao segredo da correspondência é reconhecido tardiamente. Será preciso esperar pela Terceira República para que as autoridades renunciem a controlar as cartas nos postos de correio. Mas o marido tem, por princípio, a faculdade de supervisionar a correspondência de sua esposa; ao passo que, nos internatos e prisões, abrem-se desafortunadamente as cartas dos internos ou detidos.

O desenvolvimento dos modernos meios de comunicação coloca problemas inéditos. Armand Carrel bate-se em duelo com Émile de Girardin, que o "ameaça com uma biografia" em seu jornal, La Presse [A Imprensa]; morre e paga com sua vida pelo direito ao segredo pessoal. A imprensa mostra-se ávida por "acontecimentos banais" reveladores dos escândalos da vida privada. Contra tais atentados, é preciso constantemente

Página 412:
Brévannes, O pórtico da Renascença.
(Coleção R. Debuisson.)

Étienne Azambre, No verão. (Salão de 1902.)

dissimular, lançar mão de pseudônimos e subterfúgios: o século XIX é um baile de máscaras. "O inconveniente do reinado da opinião, que busca a liberdade", escreve Stendhal, "é que esta se intrmete onde não deve: na vida privada."

A "vontade de saber", operando nesse século curioso de ver e ouvir, sempre pelo "buraco da fechadura", multiplica suas investigações de todo gênero, sobre grupos e indivíduos; torna assim mais urgente a proteção da pessoa. Eis aqui, no início do século, em Charenton, uma significativa controvérsia: ela opõe o diretor do estabelecimento ao médico local. Royer-Collard; este desejaria criar para cada paciente um dossiê completo traçando sua história médica e social; aquele opõe-se ao que lhe parece algo como uma inquisição de tipo eclesiástico (cf. Jan Goldstein). É a faceta ambígua de uma modernidade em que o poder da ciência e os cuidados para consigo marcham ao mesmo passo.

Ocorre que por toda parte, em diferentes gradações conforme o meio e o lugar, opera-se um forte aflorar do indivíduo nas idéias e nos costumes. O direito se atrasa em relação aos fatos. Na prática, as pessoas insurgem-se cada vez mais contra as disciplinas das coletividades e as servidões familiares, expondo sua necessidade de um tempo e um espaço para si. Dormir sozinho, ler tranquilamente seu livro ou seu jornal, vestir-se como bem entender, ir e vir à vontade, consumir livremente, freqüentar e amar quem se deseja... exprimem a busca de um direito à felicidade que pressupõe a escolha do próprio destino. A democracia a legítima, o mercado a atíca, as migrações a favorecem. A cidade, nova fronteira, rompe os constrangimentos familiares ou locais, estimula as ambições, atenua as convicções. Criadora da liberdade, propiciadora de novos prazeres, a cidade, com tanta freqüência uma cruel madrasta, fascina a despeito das diatribes dos moralistas. Paradoxal, engendra por sua vez multidões de indivíduos solitários. É a mãe de rupturas e acontecimentos.

O dândi, o artista, o intelectual, o vagabundo, o original encarnam a revolta contra os conformismos em massa. Mas, para além de tais figuras de proa, necessariamente minoritárias, categorias mais numerosas reivindicam com força seu direito à existência autônoma: adolescentes, mulheres, proletários. Os primeiros colocam em questão sobretudo o sistema patriarcal; seus brados e murmúrios estão, acreditamos, presentes em cada página deste livro. Os últimos criticam antes de mais nada a ordem burguesa. Porém a força de uma consciência de classe, cuja representação reveste-se então de uma particular intensidade, não exclui a explosão dos desejos e a pluralidade dos projetos. "Nós somos de carne e osso, tal como vós", dizem a seus patrões, em 1890, as operárias de Vienne. Um sindicalismo de inspiração libertária torna suas as proposições neomalthusianas de limitação da natalidade. "As famílias numerosas engendram a miséria e a escravidão. Tende poucos filhos." "Mulher, aprende a não ser mãe senão por desejo próprio", dizem os panfletos da CGT. Jamais as correntes anarquistas individualistas foram tão vivazes como na virada do

século (M. J. Dhavernas). Liberdade do corpo, gosto pela natureza e pelo esporte, amor livre fundamentam as tentativas dos "meios emancipados", cujas audácias esbarram nos comportamentos mais convencionais. Não é tão simples assim libertar o desejo.

Juridicamente débil, o indivíduo se aprofunda e se estrutura. Ao homem em geral — uma categoria gramatical —, ao sereno homem das Luzes, o romantismo contrapõe a singularidade das fisionomias, a espessura da noite e dos sonhos, a fluidez das comunicações íntimas, e reabilita a intuição enquanto maneira de conhecer (cf. G. Gusdorf, L'homme romantique [O homem romântico]). O espaço interior torna-se não apenas objeto de sua autocontemplação ("Eu sou para mim mesmo o espaço imóvel em torno do qual gravitam meu sol e minhas estrelas", escreve Amiel); mais ainda, converte-se no centro e no intérprete do mundo. "É dentro de si que é preciso olhar o exterior" (Victor Hugo). A consciência torna-se marginal em relação ao inconsciente que governa os homens e fornece a chave de seus comportamentos. As próprias sociedades sucumbem diante do poder das imagens.

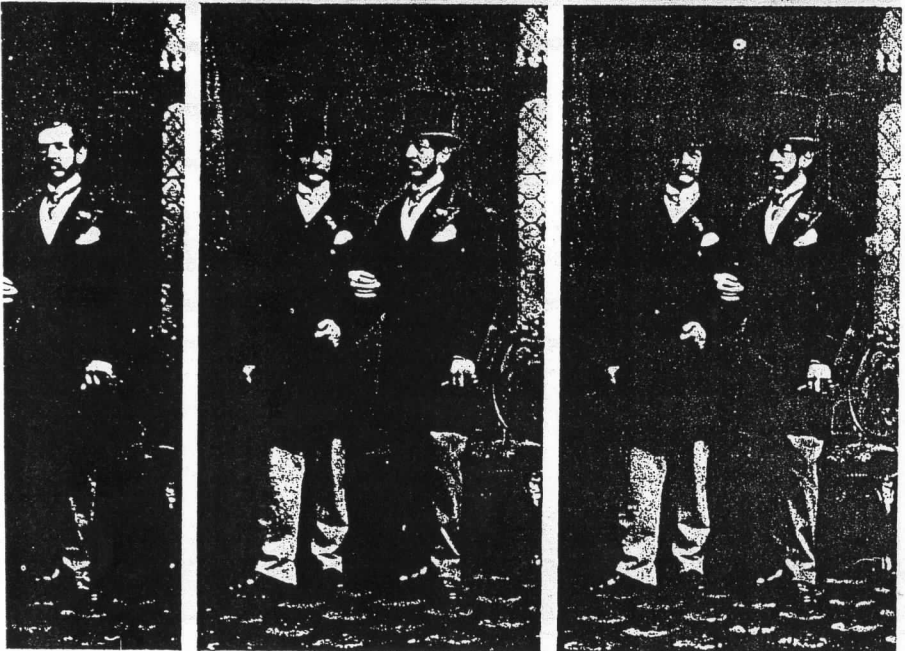
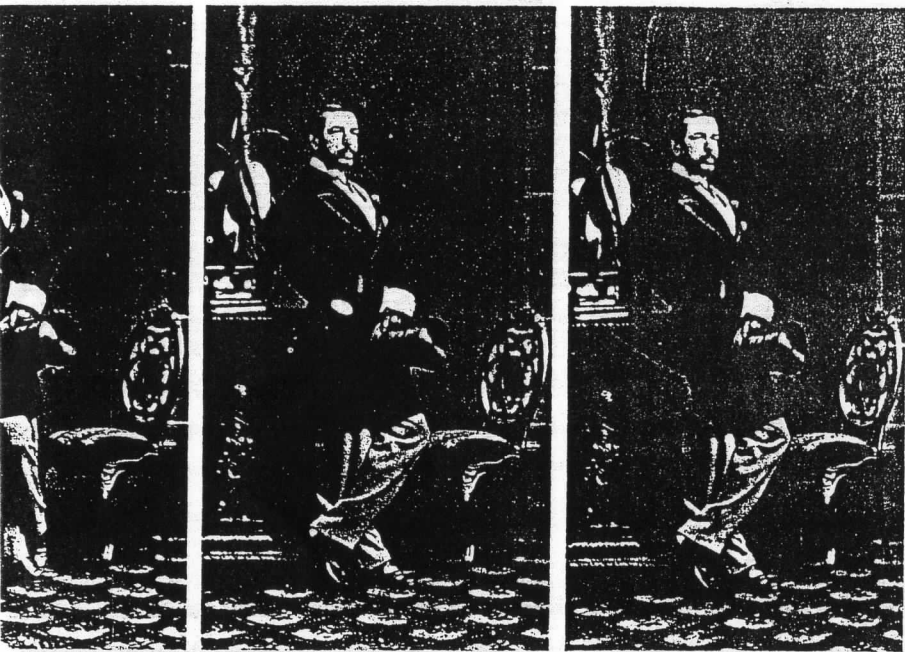
O "indivíduo puro" (Marcel Gauchet) encontra sua fundamentação científica no fim do século XIX por meio das descobertas da neurobiologia. Neopositivista e materialista, a medicina francesa hesita diante do organicismo germânico e mantém as fronteiras entre o "corpo" e a "alma", a despeito de estarem em vias de extinção. Será o caso de enxergar aí as raízes da resistência latina à psicanálise? Ou de buscá-la na repugnância a fazer da sexualidade familiar o fundamento da histeria, das neuroses e de toda a história pessoal (Élisabeth Roudinesco)? Ou ainda de alegar a maior diversidade das estruturas familiares na França e o enfraquecimento da figura do pai (H. Le Bras)? No Ocidente do indivíduo, eis, de qualquer forma, uma especificidade francesa que incita às comparações.

Em tempos de ampliação dos movimentos de multidões, o indivíduo afirma-se como valor político, científico e sobretudo existencial. É a esta prodigiosa descoberta de si por si próprio, geradora de novos laços com os outros, que nos convida Alain Corbin. É chegada a hora de penetrar nos bastidores do teatro onde transcorre a intriga essencial.

M. P.

diátribe: crítica acerbica (arregada, áspera, dura, cruel)
dândi: Homem que se veste com extremo apuro

Stendhal



O SEGREDO DO INDIVÍDUO

O INDIVÍDUO E SUA MARCA

O sentimento de identidade individual acentua-se e difunde-se amplamente ao longo de todo o século XIX. A história do sistema de denominação fornece um primeiro indício. O processo de dispersão dos prenomes iniciado no século XVIII prossegue; contradiz o movimento de concentração deliberadamente encorajado pela Igreja da Reforma Católica, desejosa de valorizar o exemplo dos principais santos. Neste domínio, a Revolução não constitui uma verdadeira ruptura; no máximo ela desempenha o papel de acelerador.

Ao longo de décadas, ciclos mais ou menos curtos, estabelecidos pela moda, dão o ritmo do movimento de dispersão; esta aceleração traduz simultaneamente a acentuada vontade de individualizar, a preocupação em sublinhar o corte das gerações e o desejo de adaptar-se à nova norma, sugerida pelas classes dominantes. Com efeito, a moda de certos prenomes propaga-se verticalmente, da aristocracia para o povo, da cidade para o campo. A precisão e complicação crescentes da hierarquia social favorecem a transmissão de tais modas por capilaridade.

Ao mesmo tempo, as regras de transmissão familiar dos nomes perdem sua autoridade. A escolha do prenome do padrinho ou da madrinha, ou seja, tradicionalmente, de um dos avós, um tio-avô ou uma tia-avó, a passagem do prenome do pai ao filho primogênito ou do avô falecido ao neto recém-nascido constituem, especialmente no campo, imperativos cujo declínio certamente não convém exagerar: nem por isso deixam de ser contrariados pelas novas práticas em ascensão. O enfraquecimento das regras de transmissão familiar traduz o definir das virtudes hereditárias e ao mesmo tempo vacinadoras do prenome. A perda da fé na existência de um patrimônio de caráter transmitido pela denominação evidentemente trabalha a favor do individualismo.

Quando perdura a família de estrutura complexa e a pobreza da gama de prenomes agrava os riscos de confusão, o sistema denomina-

A ORIGINALIDADE
DA DENOMINAÇÃO, OU
"UM NOME PARA SI"

Ao reduzir os custos da fotografia produzida em série, Disdéri permitiu a vulgarização do retrato. Com ele, o cartão de visita torna-se mais insistente; parece querer figurar no álbum de família. A pose fotográfica, aqui elaboradíssima, entra nos procedimentos de sofisticação da apresentação de si mesmo. (Disdéri, Cartes de visite groupées. Paris, Biblioteca Nacional.)



*...inação do postal e do retrato
foco permite que alguém
ia sem pudor séries de
s de si próprio. O aristocrático
vão do início do século termina
ob a forma de simulacro,
ta descida social.*



tivo pode tornar-se sumamente arcaico. Assim acontece em certas regiões rurais do Centro e do Sul, especialmente em Gévaudan. Aqui, o prenome, logo esquecido na linguagem corrente, cede lugar ao apelido. O sobrenome permanece estreitamente ligado ao *oustal*, ou à *maysou* [casa paterna], e aquele que se casa "como genro" perde o seu. Todavia, também no campo a evolução trabalha a favor do emprego, novo, do nome de batismo e da fidelidade ao sobrenome registrado pelo estado civil. O uso do apelido pouco a pouco vincula-se a grupos marginais: o mundo dos artistas e o da boêmia, os circuitos da prostituição e do crime, categorias que, assim como o estágio dos aprendizes de artesãos, referem-se deliberadamente a valores e comportamentos arcaicos.

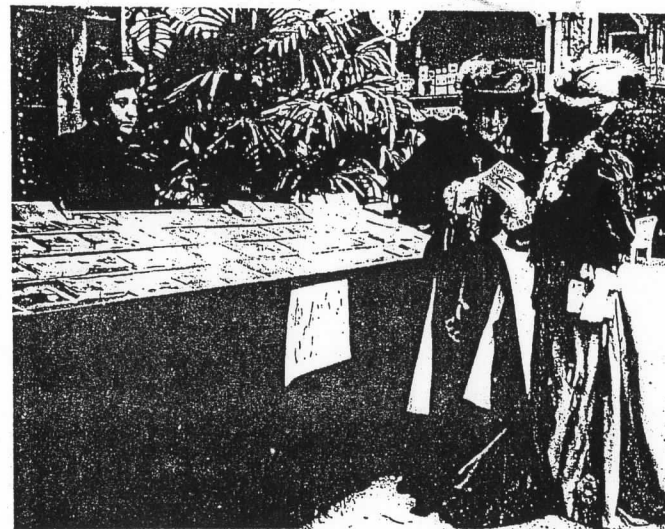
O desejo de individualizar não é, verdade seja dita, o único elemento que explica o processo de diversificação em curso. O risco do homônimo e portanto da confusão, incrementado pela urbanização, estimula a originalidade. Os progressos da alfabetização e da escolarização estabelecem um novo vínculo entre o indivíduo, seu prenome

e seu sobrenome. A argola de guardanapo ou o copo, a capa do caderno, o monograma e os bordados no enxoval da púbere juvenzinha, as iniciais costuradas nas roupas do pensionista e muitas outras práticas acentuam a obsessiva presença do nome e sobrenome. O crescimento do efetivo de cônjuges capazes de assinarem suas certidões de casamento registra esta nova familiaridade. A partir da Restauração, observa Jean-Claude Polton, estabelece-se em Fontainebleau o hábito de marcar rochas e árvores com fins privados. É uma prática dos humildes; conscientes de que, distintamente dos poderosos, não deixarão marcas, eles contam com a perenidade de suas iniciais gravadas nos troncos ou na pedra.

Durante a segunda metade do século, a circulação do correio — e especialmente, em torno de 1900, a expedição de 8 milhões de cartões-postais — contribui para esta acumulação de símbolos do eu e sinais de possessão individual; proliferação traduzida também, e estes são apenas alguns exemplos, na banalização dos cartões de visita e no uso da agenda pessoal. Os próprios animais domésticos ganham aos poucos seus nomes; já na Monarquia de Julho, Eugénie de Guérin refina os nomes de seus cães de estimação.

A contemplação de sua própria imagem cessa aos poucos de constituir um privilégio. É necessário deplorar neste ponto a inexistência de um grande estudo sobre a difusão e as formas de emprego do espelho. Efetivamente, vários indícios apontam como essencial a história do olhar para si. Nas aldeias do século XIX, apenas o barbeiro possui um verdadeiro espelho, reservado para o uso masculino. Os mascates

O ESPELHO
E A IDENTIDADE
CORPORAL



Bruscamente, no final do século, o cartão-postal difunde-se aos milhões por todo o Ocidente. Facilita a ampliação da rede de correspondência, contribui para estreitar os laços entre a parentela ou o círculo de amigos, estimula a coleção e a constituição do álbum de lembranças. Suas fórmulas estereotipadas economizam palavras: o postal permite a indivíduos que até então ignoravam a escrita epistolar exprimir à distância seus sentimentos.



sam contemplar seus rostos; mas as aldeias ignoram os espelhos em que se vê o corpo inteiro. Entre os camponeses, a identidade corporal continua a ser lida nos olhos dos outros, a revelar-se por meio da escuta de uma percepção interior. “Como viver em um corpo que não se viu”, em seus menores detalhes?, indaga Véronique de Nahoum; eis aí uma questão que é preciso colocar para os historiadores da sociedade rural. Então compreendem-se melhor as interdições que pesam, em tal ambiente, sobre o uso do espelho: apresentá-lo a um bebê pode deter seu crescimento; deixar um espelho descoberto depois de uma morte traz azar.

Nas classes abastadas, o código de boas maneiras proibirá por muito tempo que uma moça se admire nua, mesmo que seja através dos reflexos de sua banheira. Há pós especiais com a missão de turvar a água do banho, de forma a prevenir tal vergonha. O estímulo erótico da imagem do corpo, exacerbado por semelhante proibição, freqüenta esta sociedade que enche os bordéis de espelhos antes de pendurá-los, tardiamente, na porta do armário nupcial.

No final do século, a difusão citadina deste ambíguo móvel permite a organização de uma nova identidade cultural. No indiscreto espelho a beleza desenha para si uma nova silhueta. O espelho de corpo inteiro autorizará o afloramento da estética do esbelto e guiará o nutricionismo por novos rumos.

Não menos essencial é a difusão social do retrato, “função direta”, observa Gisèle Freund, “do esforço da personalidade para afirmar-se e tomar consciência de si mesma”. Adquirir e afixar sua própria imagem desarma a angústia; é demonstrar sua existência, registrar sua lembrança. Bem encenado, o retrato atesta o sucesso; manifesta a posição. Para o burguês, familiarizado com o papel de herói e pioneiro, não se trata mais, como fora outrora para o aristocrata, de inscrever-se na continuidade das gerações, mas de criar uma linhagem; ele deve portanto inaugurar seu prestígio por meio de seu êxito pessoal. O século da comemoração é também o da fundação das genealogias comerciais, orgulhosamente ostentadas. Bem entendido, a moda do retrato participa do processo de imitação por capilaridade, precocemente discernido por Gabriel Tarde; ela satisfaz o desejo de igualdade. Não esqueçamos, por fim, o papel inovador da técnica que reproduz o desejo da imagem de si, convertida ao mesmo tempo em mercadoria e em instrumento de poder.

Tendo sido por longo período um apanágio da aristocracia e da mais rica burguesia, o retrato se difunde e torna-se íntimo no final do Antigo Regime; é então que triunfa a miniatura; os pingentes, os medalhões, as coberturas de caixinhas de pó facial ostentam os rostos amados. Barbey d’Aureville enfatiza com quanto fervor as elites da Restauração retomam esta moda do retrato-jóia. Para uma dama do bu-

A DEMOCRATIZAÇÃO DO RETRATO

O artista do final do século, tão fascinado e perturbado pela intimidade da mulher sozinha como os espectadores aos quais se dirige, deleita-se com estes lábios duplamente oferecidos. Opera-se então, pouco a pouco, a identificação do indivíduo com seu corpo; a difusão do espelho de corpo inteiro estimula o ascenso do narcisismo. (Diante do espelho, 1890. Paris, Biblioteca das Artes Decorativas.)



icvat Saint-Germain, fazer de seu corpo uma galeria dos ancestrais é uma maneira simbólica de tentar negar o episódio revolucionário.

Entre 1786 e 1830, o *physionotrace* de Gilles-Louis Chrétien contribui, pelo menos na capital, para alimentar a moda do retrato. Em apenas um minuto, o artista reproduz com o aparelho os contornos da sombra desenhada pelo rosto do modelo; basta transportar em seguida o perfil para uma placa de metal e gravá-lo para obter uma série de imagens de rigorosa exatidão e preço moderado. Ele pode, se necessário, fazer retratos sobre madeira ou marfim, ou ainda compor silhuetas à inglesa, acrescentando-lhes o desenho de um penteado e uma veste. Os perfis obtidos, amiúde de grande semelhança, lamentavelmente não têm vida nem expressão. O daguerreótipo irá vencer esta insuficiência e responder a uma demanda social cada vez mais insistente.

Em 1839, Daguerre registra a patente do procedimento que lhe permite fixar em uma placa de metal, após um quarto de hora de exposição, um retrato único, vendido por cinquenta a cem francos. O artista, guiado mais pelo desejo de exprimir a psicologia do modelo que pela preocupação de registrar um atestado de sucesso social, constrói a imagem em função do rosto e da fisionomia. Nítido, preciso, o daguerreótipo desgraçadamente não permite a vulgarização da imagem obtida.

É portanto a fotografia que permitirá a democratização do retrato. Pela primeira vez a fixação, a posse e o consumo em série de sua própria imagem estão ao alcance do homem do povo. Registrada em 1841, a patente deste novo processo sofre uma série de melhorias técnicas, ao longo dos dez anos subseqüentes. O tempo da pose vai se reduzindo aos poucos, até a descoberta, em 1851, do registro instantâneo. Em 1854, Disdéri lança o retrato em forma de cartão de visita (6 cm x 9 cm). A partir de então, a fotografia amplia estupendamente o mercado estabelecido pelo daguerreótipo. Em 1862, Disdéri vende, sozinho, 2400 cartões por dia. Vale dizer que já então alguns segundos bastam para uma imagem; e que o lote de doze retratos não custa mais que vinte francos. Os fotógrafos se estabelecem até nas menores cidades; artistas forasteiros instalam suas barracas na rua e oferecem fotografias a um franco.

Ascender à representação e posse de sua própria imagem é algo que instiga o sentimento de auto-estima, que democratiza o desejo do atestado social. Os fotógrafos o percebem muitíssimo bem. No interior do estúdio-teatro, abarrotado de acessórios, de colunas, cortinas, mesinhas, é o corpo inteiro que eles passam a registrar. Exageram a ênfase, estimulam a distensão interior do fotografado; alguns chegam a lançar, a partir de 1861, a moda do retrato eqüestre. Esta teatralização das atitudes, dos gestos e das expressões faciais, em uma palavra, a pose, cuja importância histórica Jean-Paul Sartre sublinhou, invade

O fotógrafo registra o adensamento sentimental no seio da célula familiar restrita e a importância decisiva do bebê, convertido, a partir da década de 1860, no centro das atenções e no herói de uma prolíxa literatura normativa. Clientes e fotógrafos se esforçam também por acentuar a dicotomia das atitudes conforme o sexo. (Coleção Sirot-Angel.)



pouco a pouco a vida cotidiana. Milhões de retratos fotográficos difundidos e cuidadosamente inseridos em álbuns impõem normas gestuais que renovam a cena privada; ensinam a olhar com novos olhos para o corpo, especialmente para as mãos. O retrato fotográfico contribui para esta propedêutica da postura objetivada pela escola, ao mesmo tempo em que difunde um novo código perceptivo. A arte de ser avô, assim como o gesto de reflexão do pensador, obedecem a partir de agora a uma banal encenação.

O desejo de idealizar as aparências, o repúdio ao feio, conforme os cânones da pintura oficial, convergem igualmente para o ordenamento do retrato-foto. As multidões da Exposição de 1855 mostram-se fascinadas pela demonstração do retoque. Esta técnica difunde-se após 1860: os traços do rosto se suavizam: manchas, vermelhidões, rugas, verrugas inconvenientes desaparecem das faces lisas, aureoladas por uma artística delicadeza. Até no campo, uma nova imagem da beleza vem ameaçar as normas impostas pela cultura tradicional.

O álbum de fotografias da família delimita a configuração da parentela e conforta a coesão do grupo, então ameaçado pela evolução econômica. A irrupção do retrato no seio de vastas camadas da sociedade modifica a visão das idades da vida, e portanto o sentimento do tempo. As fotos, comenta Susan Sontag, também constituem *memento mori*. Graças a elas, fica mais fácil imaginar sua própria desapareição; o que incita a lançar mais um olhar sobre os velhos e a reconsiderar a sorte que se reserva a eles.

Ampano (Esteio da rememoração, a foto renova a nostalgia. Pela primeira vez, a maior parte da população tem a possibilidade de representar antepassados desaparecidos e parentes desconhecidos. A juventude dos ascendentes com quem se convive no dia-a-dia torna-se perceptível. Opera-se no mesmo processo uma mudança das referências da memória familiar. De uma maneira geral, a possessão simbólica de outra pessoa tende a canalizar os fluxos sentimentais, valoriza a relação visual em detrimento da relação orgânica, modifica as condições psicológicas da ausência. A foto dos defuntos atenua a angústia de sua perda e contribui para desarmar o temor causado por seu desaparecimento.

O novo processo favorece por fim a vulgarização e a contemplação da imagem da nudez. Tencê a modificar o equilíbrio dos modos de simulação erótica, a difundir um novo tempo do desejo; testemunha-o o prestígio do "nu 1900". O legislador percebeu-o bem depressa: desde 1850, uma lei proíbe a venda de fotos obscenas na via pública. Após 1880, a foto de amator suprime o intermediário profissional, alivia o ritual da pose, abre de par em par a vida privada para a objetiva, a partir de então ávida de imagens íntimas.



Ampano (Esteio da rememoração, a foto renova a nostalgia. Pela primeira vez, a maior parte da população tem a possibilidade de representar antepassados desaparecidos e parentes desconhecidos. A juventude dos ascendentes com quem se convive no dia-a-dia torna-se perceptível. Opera-se no mesmo processo uma mudança das referências da memória familiar. De uma maneira geral, a possessão simbólica de outra pessoa tende a canalizar os fluxos sentimentais, valoriza a relação visual em detrimento da relação orgânica, modifica as condições psicológicas da ausência. A foto dos defuntos atenua a angústia de sua perda e contribui para desarmar o temor causado por seu desaparecimento.



Dentro do cemitério manifesta-se a mesma vontade de perpetuar-se, de imprimir sua marca. Philippe Ariès relatou o triunfo da tumba individual e a emergência do novo culto aos mortos no alvorecer do século XIX. Aqui interessa-nos apenas o epitáfio personalizado, procedimento também inteiramente novo para a grande maioria da população; inédito apelo à permanência da lembrança. A história da vulgarização deste discurso funerário começa a esboçar-se com nitidez. Durante a Monarquia de Julho, multiplicam-se os epitáfios enaltecendo os méritos do esposo, do pai ou do cidadão. Inscreve-se sobre a pedra tumular o avanço da *privacy*. Mais adiante, a complicação dos cemitérios construídos e a industrialização dos túmulos tendem a apagar aos poucos todo o discurso original e a substituí-lo por estereótipos que os medalhões-fotografias incrustados na pedra irão individualizar com felicidade.

Diversos trabalhos mostram que esta evolução operou-se segundo ritmos diferentes e não deixou de provocar atritos. No cemitério de Asnières, obscura aldeia do Ain, o primeiro texto fúnebre só surgiu em

A PERENIDADE DA RECORDAÇÃO

A fotografia inserida no álbum de família consegue ancorar na lembrança a solidariedade entre os irmãos. Quando a vida os dispersar, o instantâneo amarelecido servirá de suporte do sentimento. (Coleção Sirot-Angel.)

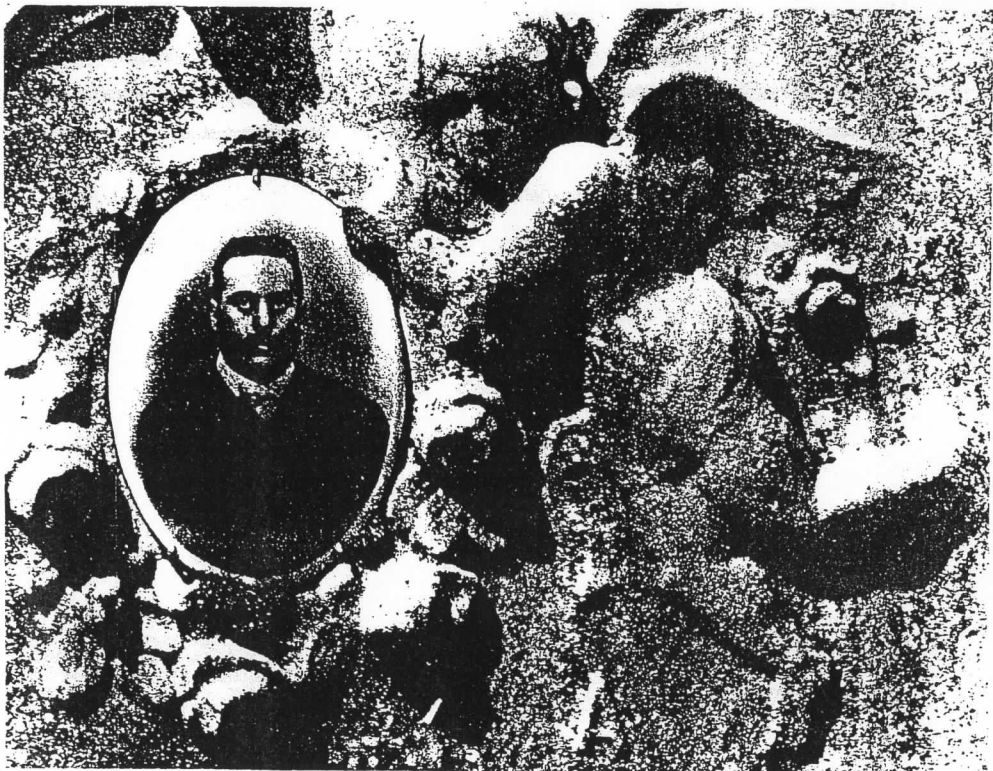
de par em par: escomparadamente

1847. Em 1856, a viúva de um dignatário, muito malvisto por seus concidadãos, manda cercar com uma balaustrada o monumento de seu esposo. O gesto provoca um movimento de hostilidade; o próprio padre insurge-se ao constatar que o mármore irá conservar a lembrança daquele simples cristão, quando é impossível saber onde jaz exatamente seu piedoso criador. Nas pequenas paróquias rurais, a pedra tumular, o epitáfio por muito tempo continuarão esbarrando no sentimento de igualdade. Em 1840, Eugénie de Guérin vê-se obrigado a guardar a pomba branca que, no centro do cemitério de Andillac, celebra a memória de seu irmão Maurice.

O surgimento do discurso funerário nestas minúsculas paróquias é acompanhado pela ascensão da dignidade *post mortem*: o comerciante, aqui, uma vez falecido, dá-se ares. Inversamente, esta nova permanência do traço favorece a manutenção, e até a ampliação, do boato *desabonador*. *depreciador*

Um fio condutor vincula com efeito todos os procedimentos que tendem a reforçar o sentimento do eu: a tentação de forjar heróis, a hipertrofia da vaidade tranqüilizadora. A época fornece muitos outros sinais neste sentido, conforme se verifica o ascenso da meritocracia: a importância atribuída ao quadro de honra, ao ritual das distribuições

to, nos cemitérios construídos, ulas estereotipadas tendem tur os epitáfios lizados de outrora, a foto no ão assegura a memória da ia. Esta prática efêmera t uma das mais significativas rações do desejo de garantir idade da marca.



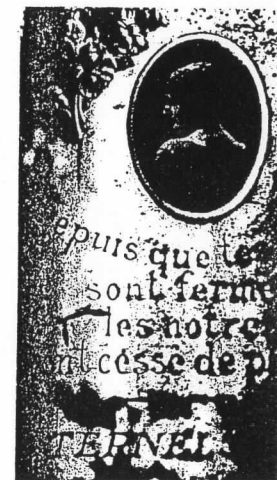
de prêmios, ao diploma que se pendura na parede do salão ou da sala comum; ou ainda o prestígio da decoração, o tom hagiográfico da rubrica necrológica. Para muitos humildes, será a nova emoção de ler seu nome em uma coluna de jornal. Qualquer um pode, agora, ser tentado a adotar a pose de herói; ainda que seja apenas no seio do círculo familiar, onde esta nova pretensão modifica o ambiente. Até o próprio gesto criminoso traduz tal aspiração. Incitado por leituras sobre fundadores, no estilo de Plutarco, o jovem parricida de Aunay-sur-Odon escreve, como se estivesse orgulhoso, na primeira linha de suas assombrosas memórias: "Eu, Pierre Rivière, tendo estrangulado minha mãe, minha irmã e meu irmão...".

O reajustamento do indivíduo impõe-se com maior razão às autoridades, que, no interior do espaço público, passam pouco a pouco do anonimato para relações de interconhecimento. A multidão cada vez mais densa e silenciosa que cobre a rua perde sua teatralidade; dissolve-se em um agregado de pessoas com o pensamento absorvido por seus interesses privados. Compreende-se que a partir daí se purifiquem os processos de identificação e o controle social torne-se preciso.

Até o triunfo da República (1876-1879), as técnicas de ajustamento são ainda balbuciantes; sua precariedade fixa os limites desta visão panóptica que se atribui, sem dúvida com algum exagero, aos detentores do poder. O Estado civil, secularizado desde 1792, codificado a 28 Pluvioso do ano III, os recenseamentos da população e as listas nominais estabelecidas a cada cinco anos, as listas eleitorais, censitárias até 1848, estendidas ao conjunto da população masculina em março de 1848, e a seguir em setembro de 1851, constituem as referências essenciais do sistema. Certas categorias são ademais objeto de procedimentos especiais: os operários, teoricamente sujeitos à carteira desde o Consulado, carteira que eles próprios passarão a portar desde a lei de 22 de junho de 1854, para grande prejuízo dos patrões; os militares; os domésticos, dos quais se exige a apresentação de certificados emitidos pelos empregadores precedentes; as mulheres da vida registradas pela Chefatura de Polícia ou pela administração municipal; as crianças abandonadas às quais se deseja atribuir um estado civil e uma tutela; os viajantes e, mais especialmente, os elementos itinerantes e nômades, que devem providenciar passaportes antes de efetuar suas andanças.

O estudo dos migrantes de Limoges, assim como o dos viajantes que atravessam o departamento de Indre, mostra claramente que a extrema minúcia das exigências é acompanhada, neste particular como em muitos outros, por um grande laxismo, para não dizer pela mais completa anarquia. O reconhecimento interpessoal e a memória visual continuarão por muito tempo a ordenar as listas de migrantes e de autoridades. Entretanto, junto com os progressos da alfabetização, o recrudescimento de todas estas exigências administrativas contribui para desenvolver a posse, o uso e a decodificação dos "papéis". Nova familiaridade que, avivada pelo ascenso da prática do contrato no seio da

OS LIMITES DO PANÓPTICO



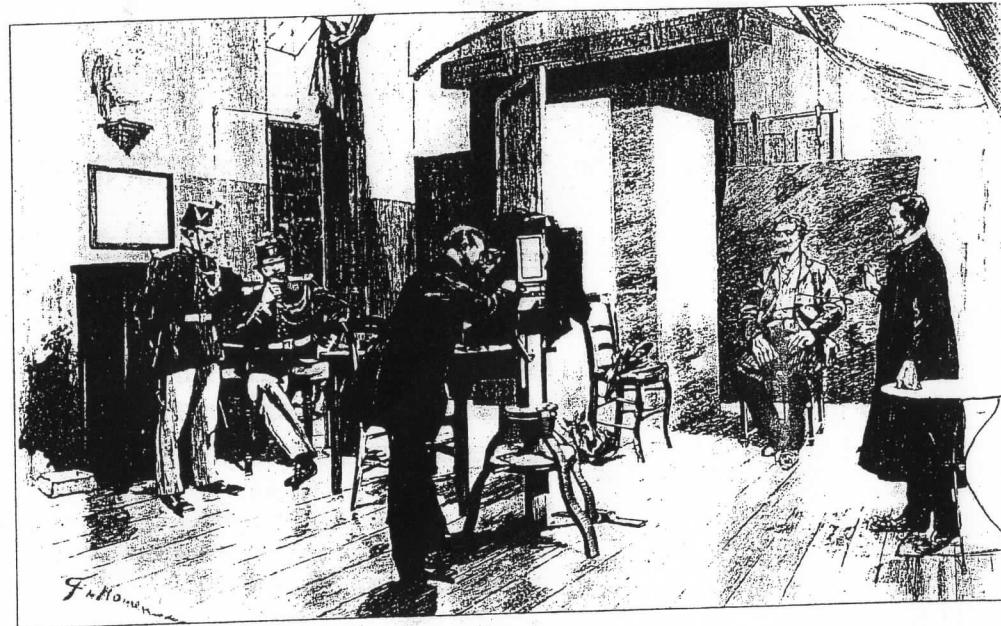
sociedade rural, torna cada vez mais raro, e dentro em breve inacreditável. o caso de indivíduos que ignoram sua idade; como o camponês que comete um erro de sete anos e provoca o comentário de Eugénie de Guérin: "Feliz sujeito que ignora sua vida!". Daí por diante, cada um pode calcular, se não prever, o futuro. A construção do tempo pessoal autoriza a elaboração de uma história individual, condição para a identificação e para a comunicação autônoma.

Quando é imperativo escarafunchar melhor a personalidade de outro, o procedimento mais usual ainda é a investigação de moralidade, ou, pelo menos, o recurso ao certificado de boa conduta. A qualquer pretexto, quer esteja em pauta julgar um pretendente à aliança matrimonial, o postulante de um emprego ou simplesmente uma candidata a doméstica, o prefeito e o padre serão solicitados; é preciso que forneçam referências e opiniões sobre seus munícipes ou paroquianos. Curiosamente esta prática, que institucionaliza de fato o recurso ao boato e incita o desvendamento da vida privada, parece ser muito bem tolerada. Embora tardia, a correspondência mantida pelos parentes de Marthe permite que se reconstitua fielmente os procedimentos do ajuste. Quando é preciso escolher, ou melhor, fornecer um esposo para a jovem faltosa, um esquadra de indicadores contribui: confessores e padres travestidos em conselheiros matrimoniais, parentes da província que se convertem em agentes de informações, advogados e notários encarregados de interrogar seus confrades, quadros da administração indagados quanto às qualificações de seus subordinados, domésticos incumbidos de registrar boatos. Apenas os médicos parecem ser poupados, como se o segredo profissional inspirasse então maior discrição. Uma sutil dose de informações, de recomendações, de pressões, vale dizer, de chantagem, impregna a trama da vida privada desta família em maus lençóis, cujos movimentos defensivos nos são revelados com fascinante despudor.

O OLHO DO POLICIAL

Restam os procedimentos de reconhecimento, vale dizer a história da identificação, ou, caso se prefira, a busca das singularidades individuais. Neste particular as instituições policiais desempenharam o papel de laboratórios; ali foram elaboradas as técnicas que em seguida seriam chamadas a se expandir por outros campos. Para o policial, tal como para o simples cidadão, um duplo problema pode se colocar: como provar sua própria identidade? E como descobrir a do outro, ainda que este esteja recuzado à condição de um cadáver?

Ainda por volta de 1880, o indivíduo astucioso pode mudar de pele ao seu bel-prazer; para providenciar um novo estado civil, basta-lhe conhecer a data e o local do nascimento do camarada cuja identidade ele decidiu usurpar; o confronto, bastante improvável, com uma testemunha, na pior das hipóteses levará apenas a abortar o subterfúgio; mesmo o reconhecimento, baseado apenas na memória visual, poderá ser facilmente conestado. Assim compreende-se melhor o terror inspirado pelo monstro ou pelo vingador que se dissimula sob uma falsa



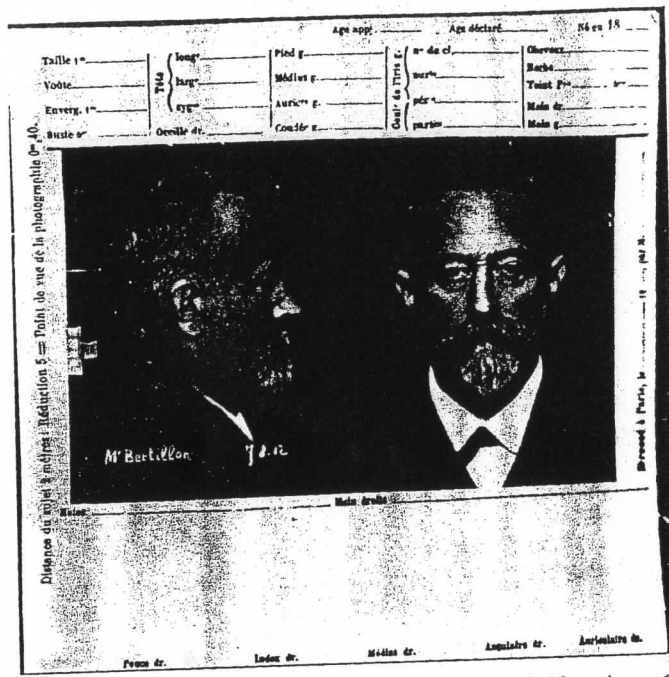
identidade. As metamorfoses de Jacques Colin, o destino de Jean Valjean, a estratégia de Edmond Dantès não deveriam parecer nada inverossímeis para os leitores da época. A identificação da criança perdida não é nada fácil; daí a extrema importância dos sinais de reconhecimento: bracelete, colar, sinal de pele ou tipo de calçado. Pelo mesmo motivo, a reincidência coloca um espinhoso problema para as autoridades judiciárias; e é acima de tudo a difícil identificação das prostitutas que condena ao fracasso o sistema regulamentador elaborado sob o Consulado.

Até o início da Terceira República, a administração continua a utilizar o método da "descrição". O olhar do policial detalha a cor dos cabelos e dos olhos, avalia o talhe e, caso necessário, observa as deformidades. A leitura dos documentos estabelecidos pelos conselhos de revisão e pela polícia de costumes, assim como a dos registros de carceragem, põe em evidência a ineficácia de semelhante método, baseado em descrições neutras e imprecisas. Na realidade, para desmascarar o disfarce, a polícia não pode contar senão com a perspicácia do olhar de seus agentes, sobretudo depois que a lei de 31 de agosto de 1832 acarretou a abolição da marca com ferro em brasa. De qualquer forma é em função deste procedimento rudimentar que se constituem aos poucos, nas sedes da Chefatura de Polícia, os registros previstos pelo código de instrução criminal de 1808

A fotografia, cuja utilidade parece evidente, não bastará para resolver o problema colocado para a polícia pela identificação de indivíduos e a determinação dos reincidentes. Por muito tempo haverá carência de um código de identificação que permita o reconhecimento indiscutível. (Le service de la photographie au dépôt de la préfecture de police. L'Illustration. 1889.)

...IDORES

o o menos dotado às de uma família de médicos, em contrapartida Bertillon encontrar-se-á nos escritórios da cidade nos escritórios da de Polícia. Tal como para antropólogos do final do Cesare Lombroso os armovskaia, por exemplo — te dos criminosos forma seu io. (Paris, Museu da Polícia.)

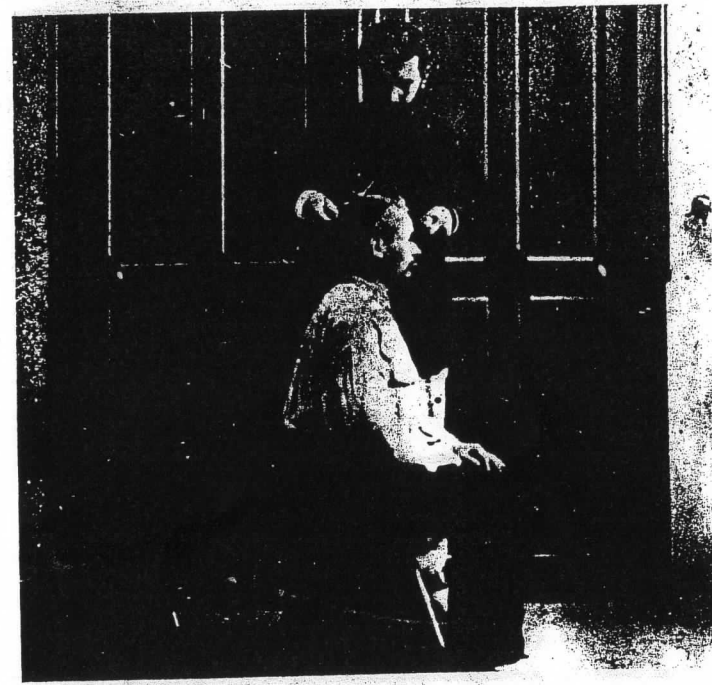


MEDIDAS ÓSSEAS EM BUSCA DA MARCA

e, mais tarde, a partir de 1850, o arquivo judiciário, mantido pelo cartório dos tribunais.

No final do século o duplo problema está resolvido; novas técnicas permitem que se atribua a cada indivíduo uma identidade invariável e facilmente passível de demonstração. O sistema de reconhecimento torna impossível daí por diante a substituição de quem quer que seja, mesmo entre gêmeos; elimina a falsificação do estado civil. Em uma palavra, interdita a metamorfose. A própria bigamia torna-se uma aventura, mais ainda quando o legislador restabeleceu o divórcio. Em contrapartida, acabaram os temores devidos à prova impossível; as dificuldades do coronel Chabert pertencem agora ao passado.

Em 1876 a polícia começa a empregar a fotografia; no final da década, a Chefatura já possui 60 mil fotos. É verdade que estas, tomadas de todos os ângulos e guardadas em desordem, têm pouquíssima valia: de qualquer maneira, não permitem que se descubra a verdadeira identidade de um falsário. Tudo muda a partir de 1882, com o emprego da identificação antropométrica estabelecida por Alphonse Bertillon. No momento em que a aprovação da lei de 27 de maio de 1885 sobre a reincidência tornará mais imperiosa a necessidade da identificação criminal, ele prova que cinco ou seis medidas ósseas efetuadas com rigor e conforme um procedimento fixo são o bastante para marcar um indivíduo.



Antes que se pratique o registro de impressões digitais, o rigor das medidas ósseas indicadas por Bertillon permite a identificação judicial. O alcance da descoberta ultrapassará aos poucos a esfera do crime e da delinqüência: no conjunto do corpo social a metamorfose em breve se tornará impossível.



a setembro de 1894 a França
 á terrorizada por atentados
 anarquistas. Desta vez a busca
 dos indivíduos não se baseia apenas
 na descrição. A fotografia dos suspeitos,
 fundada nas fronteiras, é um
 espetáculo à usurpação da identidade.
 Album photographique des
 individus qui doivent être l'objet
 d'une surveillance spéciale aux
 frontières. Paris, Museu da Polícia.)

A bertillonagem, culminação de uma vastíssima caminhada, balizada pelos trabalhos de Barruel sobre o sangue e o odor individuais, pelas investigações de Ambroise Tardieu, de Quételet e dos membros da Sociedade de Antropologia, reinará sem rivais até o início do século XX. Nesse intervalo, é aperfeiçoada por seu inventor, que decide acrescentar os sinais particulares à identificação definida pelas medidas ósseas, ajuntando mais tarde a fotografia ao boletim antropométrico.

Na verdade, a bertillonagem não é mais que uma etapa. Desde o início do século XX triunfa a identificação pelas marcas corporais e mais precisamente pelas impressões digitais. Esta velha descoberta chinesa, utilizada em Bengala pela administração inglesa, é apropriada por Galton que saberá convencer Alphonse Bertillon a integrar o novo dado ao boletim antropométrico.

Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, os procedimentos destinados aos delinquentes e criminosos ultrapassam o quadro penitenciário. A lei de 16 de julho de 1912 os impõe também aos nômades e itinerantes, inclusive comerciantes e industriais do exterior, a posse de uma "carta de identidade antropométrica". Nela figuram o nome, sobrenome, data e local de nascimento, filiação, descrição, impressões digitais e a foto do indivíduo; reconheceremos nela a antepassada de nossa carteira de identidade.

A nova ameaça que tais procedimentos fazem pesar sobre o segredo da vida privada começa a inquietar. Quando a questão alcança seu apogeu, a antropometria desperta a ira dos atreusianos e alimenta um vivo debate. Entretanto, e revela-se aqui a mesma ansiedade, o atlujo de queixas obriga o prefeito Lépine a deixar de exigir das proprietárias de bordéis a fotografia das mulheres que freqüentam seus estabelecimentos. Provavelmente seria possível distinguir muitos outros sinais desta nova suscetibilidade; Philippe Boutry mostra também, desde 1860, em várias paróquias do Ain, uma intolerância até então desconhecida em relação a qualquer violação de atos pessoais por parte dos pregadores. Os pastores, apegados à batida imagem da "eloqüente profundidade dos abusos individuais", são aos poucos obrigados a levar em conta o novo espaço privado da vida moral baseada na autonomia da pessoa.

É fácil observar que, em todas as esferas mencionadas, uma mudança se esboça em torno de 1860 para definir-se por volta de 1880. Em resumo, opera-se uma transformação no momento do triunfo da República. O movimento de individualização que anima o século culmina, ao passo que o neokantianismo inspira os dirigentes e que Pasteur impõe a existência do micróbio, perturbador do organismo; este modelo biológico, aplicado ao campo social, estabelece que o controle do indivíduo é essencial à sobrevivência do grupo.

Ao mesmo tempo, o temor da violação do eu e seu segredo engendra o fantástico desejo de decifrar a personalidade que se oculta e de intrometer-se na intimidade dos outros; muda preocupação que em-

basa o esnobismo do incógnito, atíça a tentação da carta anônima, contribui para o prestígio do voyeurismo do fim-de-século, explica a emergência da personagem do detetive em busca de pistas. Mais ainda que Conan Doyle, é Gaston Leroux que testemunha a nova sensibilidade e que faz não da identificação, mas da própria identidade do culpado, e de seu disfarce, a essência da ação policial.

AS AMEAÇAS DO CORPO

A ALMA E O CORPO

É inútil tentar compreender o sentimento de intimidade que orienta a vida privada no século XIX sem uma reflexão preliminar sobre esta permanente dicotomia entre alma e corpo que gera as atitudes de então. As modalidades desta espantosa partilha variam evidentemente conforme a extração social, o nível cultural e o grau de fervor religioso. Por outro lado, uma sedimentação de crenças nos substratos profundos de cada indivíduo assim como uma incessante circulação das modas e comportamentos entre as diferentes camadas da população semeiam confusão mesmo em meio às mais rigorosas análises. Assim, é conveniente não perder de vista o intrincado dos sistemas de representação que nós, por razões didáticas, iremos diferenciar artificialmente.

Muitos etnólogos, entre os quais Françoise Loux, evidenciaram a coerência e o domínio do corpo no seio da sociedade tradicional. Muito curiosamente, esta parece ignorar a dicotomia à qual aludi. Os provérbios coletados por folcloristas em fins do século XIX refletem uma visão laicizada da existência, que privilegia o orgânico. Delineiam uma moral da moderação, constataam que o repúdio à posição mediana, o respeito ao justo meio favorecem a saúde e buscam, aqui, um bem-estar mais refinado que o prazer. Esta ética brota de um campesinato laborioso, que valoriza os frutos do esforço e desconfia dos pobres, fermentadores de violências e desordens. Mentalidade impregnada de pessimismo e resignação, que mantém uma obediente escuta das mensagens do corpo, baseada na convicção de que este encontra-se estreitamente ligado à ordem cósmica, vegetal e animal, por toda uma série de correspondências simbólicas. A atenção dedicada às fases da lua, indicador celeste do ciclo feminino, a ansiosa auscultação do discurso do galinheiro quando se apresenta o perigo da morte, a medição do crescimento da árvore plantada no dia do nascimento do filho, as proibições que cercam a gestão dos dejetos do organismo, placenta, fragmentos de unhas ou dente caído, atestam o caráter obsessivo destas crenças arcaicas. Elas são acompanhadas por uma norma higiênica que admite o bom desempenho das funções naturais, tolera o arrote, o peido, o espirro, o suor e os sinais do desejo, assume sem reclamar os estigmas da decadência. É um sistema de opiniões e atitudes que define uma frente de resistência à difusão da higiene acadêmica e que se insinua, em pérfidos contra-ataques, até no interior burguês, graças

virtude, à plenitude da vida moral

à cumplicidade das amas ou criadas. Não há motivo para espanto quando se reencontram, particularmente interiorizadas pela elite, algumas destas normas que afloram a partir das profundezas sociais, em perfeita harmonia com o higienismo cotidiano de médicos bonachões, partidários, também eles, da posição mediana.

No pólo oposto às crenças antigas inscreve-se a permanência e, em certas esferas, a tendência a acentuar a mensagem cristã baseada no antagonismo entre a alma e o corpo. Desdenhando os limites dogmáticos do desprezo pela carne, desenhados pelo mistério da Encarnação, o mistério da Eucaristia e a fé na Ressurreição, uma visão pessimista, refinada pelos Padres da Igreja, notadamente Tertuliano, e retomada tanto por Bossuet como pelos jansenistas, reduz os despojos mortais, futuro pasto dos vermes, a uma provisória prisão. O corpo, que o padre de Ars nunca chama senão de "o cadáver", compromete a alma com os instintos e impede-a de elevar-se rumo à pátria celeste. Assim se justifica a guerra permanente movida contra os anseios, os impulsos orgânicos; se a alma não modera o corpo, este, tal como o dragão, há de levantar-se para avassalá-la. Não existe compromisso possível. Este desdobraamento, quase esquizofrênico, embasa os comportamentos ascéticos.

Alimentadas pelo crescimento dos efetivos congregacionistas, pela multiplicação dos pensionatos religiosos e das ordens terceiras, tais práticas, oriundas de um passado longínquo, não cessam de evoluir ao longo do século XIX. Até a alvorada do Segundo Império sobrevive um rude ascetismo, companheiro do rigorismo que persiste. Esta violência harmoniza-se com a imagem do Cristo no Gólgota, e piedosos gravadores se comprazem então em fazer suas feridas verterem sangue em terríveis jatos. A partir de meados do século declinam as mortificações, pouco adequadas à feminização da prática. A Igreja, que investe na mulher para levar a bom termo sua reconquista, deve levar em conta o discurso médico que sublinha à saciedade a fragilidade das filhas de Maria. Mil pequenas mortificações, mais adaptadas ao ritmo dos tempos femininos, substituem o sangue e a dor. Interioriza-se assim a renúncia a si mesmo no cotidiano e inaugura-se a contabilidade dos pequenos sacrifícios.

Os discursos acadêmicos revelam-se mais inovadores. Em fins do século XVIII, tem um papel decisivo neste domínio a difusão na França dos escritos de Georg Stahl e sua influência sobre o pensamento médico. Quer se proclamem partidários do vitalismo montpellieriano, do animismo ou do organicismo, os médicos da época, em sua maioria, notadamente aqueles que, tal como Roussel, elaboraram o discurso sobre a especificidade do sexo feminino, alinham-se com o dogma da supremacia da alma sobre o corpo. A alma, guia, detentora do segredo da vocação do corpo, dirige sua efetivação. Não são portanto as formas da anatomia, nem os traços específicos da fisiologia da mulher que determinam seu caráter e justificam sua missão maternal; é a alma que modela simultaneamente o corpo

vitalismo montpellieriano / animismo / organicismo

homens — e mais ainda
 lheres — do século XIX
 se à escuta da mensagem
 as vísceras, é porque os fisiologistas
 itam a esta ansiosa atenção.
 bios procuram medir e tendem
 a estimar os efeitos da água,
 e da altitude ou da
 eratura sobre o corpo humano.
 za-se assim uma medicina
 al que ordena inicialmente a
 ca das caminhadas. (O doutor
 observando em 1869 os efeitos
 calada das montanhas na
 eratura do corpo humano.
 stration, 1878.)



e o espírito femininos; a maternidade é primeiramente vocação metafísica daquela que tem o dever de colaborar com a obra da Natureza.

Embora retendo vários elementos de uma concepção cujas bases metafísicas ele esquece deliberadamente, o século XIX erudito irá romper com este primado da alma. Os ideólogos, em especial Cabanis, abandonam as noções da alma-guia e do princípio vital. Como escreve Jean Starobinski, eles tentam "unificar os campos da medicina e da fisiologia". De um só golpe, passam a dar maior atenção à relação entre o físico e o moral, ao vínculo existente entre a vida orgânica, a vida social e a atividade mental. Assim, a feminilidade não deriva mais aos seus olhos de uma ontologia, mas de uma fisiologia e de uma sociologia. Compreende-se a partir daí a ascensão de uma velha noção herdada de Aristóteles, senão de Aristipo de Cirene, retomada por Descartes e pelo próprio Stahl, denominada sucessivamente "tato", ou "tocar o interior", e mais tarde, em fins do século XVIII, "cenestesia". Deve-se entendê-la como uma percepção interior do corpo, ou melhor, o conjunto das sensa-

AS MENSAGENS
 DA CENESTESIA

com o conjunto de sensações
 internas ou orgânicas e
 caracterizado essencialmente
 por estar em contato com o mundo exterior.

ções orgânicas cuja tradução no comportamento, segundo Cabanis, constitui os instintos.

Ao longo de todo o século, os especialistas mostram-se convencidos da extrema influência de um inconsciente, percebido como "o obscuro rumor das funções viscerais, de onde emergem, intermitentemente, os atos da consciência" (Jean Starobinski). A personalidade aflora já completamente armada de dentro deste inconsciente. O gênio de Freud não estará absolutamente em descobrir que vastas zonas do sujeito escapam à consciência e contribuem para determinar a atividade mental, mas em arrebatá-la à vida orgânica o monopólio do inconsciente para instalá-lo no próprio aparelho psíquico.

A importância então atribuída à cenestesia valoriza um certo modo de escuta do corpo, que não é a nossa. Inspirado pela persistência de um neo-hipocratismo vulgarizado, que enfatiza os efeitos do ar, da água e da temperatura, o indivíduo espreguiça a influência do tempo e da estação sobre a facilidade e o ritmo da respiração, sobre a intensidade do reumatismo ou a estabilidade do humor; desta forma desenvolve-se uma espécie de meteorologia interna da "alma". Empreende-se igualmente uma atenta escuta do desenvolvimento das funções orgânicas e suas repercussões no plano mental; vigilância permanente que privilegia a análise da fisiologia digestiva e do ciclo menstrual, perturbados pela frequência de disenterias e doenças ginecológicas. Esta vigília baseia-se na doutrina dos temperamentos — bilioso, linfático, sangüíneo, nervoso — cuja persistência e adaptação permanentes Théodore Zeldin demonstra, com razão, a despeito de a teoria dos humores ter caído em descrédito.

Constói-se assim, no cotidiano, um grosseiro sistema de imagens da saúde física e psíquica, que permite gerar comportamentos individuais, elaborar estratégias com relação aos outros. A leitura de documentos íntimos evidencia que tais preocupações formam a própria textura da vida privada. Para convencer-se basta ler, e são apenas exemplos selecionados em cada quarto de século, o diário de Maine de Biran, o de Eugénie de Guérin, os papéis de Charles-Ferdinand Gambon, recentemente publicados, a correspondência dos Boileau de Vigné ou a da família de Marthe. Tudo indica que a confrontação de experiências cenestésicas, então introduzida na conversação, acompanha as considerações meteorológicas. Este gênero de preocupações determina a atitude para com a água, o sol, do qual procura-se fugir, ou ainda da corrente de ar, objeto de verdadeira fobia.

No século XX esta forma de vigilância privilegia os anseios do corpo; daí por diante ela objetiva fornecer a estas compensações justificadas pela vida urbana, as condições de trabalho, a poluição; proporcionar-lhe o prazer físico, ditado pelo acentuamento do narcisismo. No intervalo, operou-se uma revolução à qual deveremos retornar: a

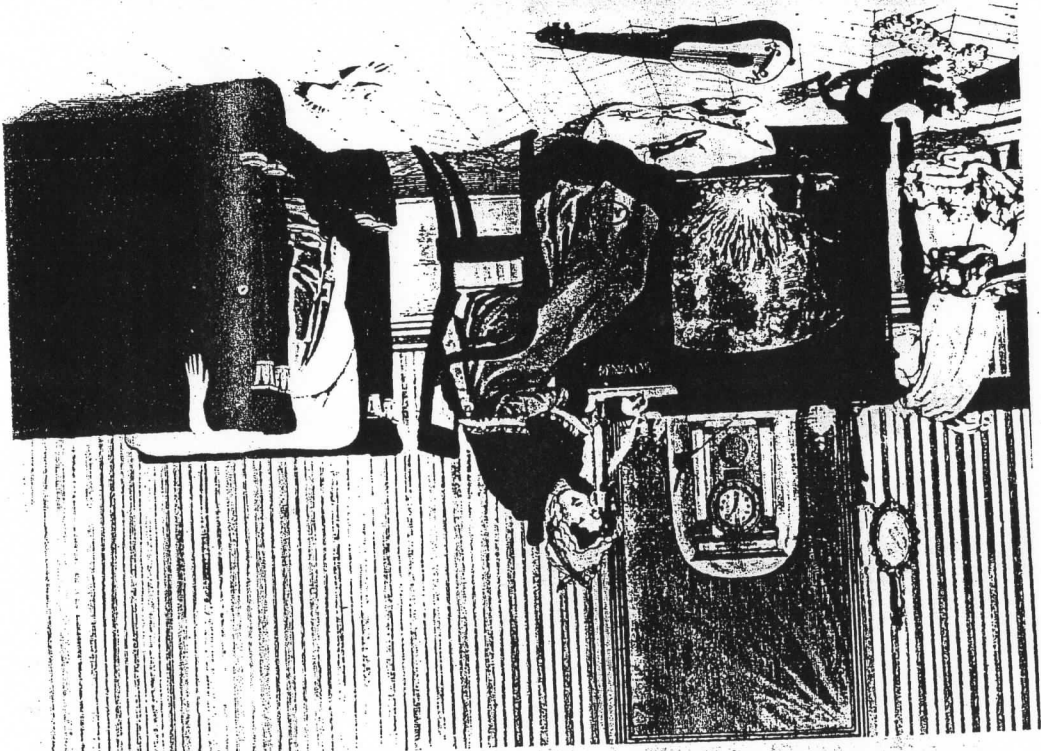
O LEITO
E O QUARTO
INDIVIDUAIS

progressiva identificação do sujeito com o corpo; o que implica atenuamento do desprezo pelo orgânico, pela animalidade. Pouco a pouco instala-se a solidão dos apertcs, sentidos como sendo os da própria pessoa, e não mais como expressão das exigências de um Outro, a um só tempo ameador e fascinante. O anacronismo psicológico espera o historiador dentro a esta mutação do estatuto do desejo.

O século XIX assistiu à continuidade do processo de desamontona-mento dos corpos, inaugurado nos espaços coletivos por volta do final do Antigo Regime. O leito individual, velha norma dos conventos, tornou-se simples precaução sanitária, especialmente nos hospitais. De fato, como bem demonstrou Olivier Faure, a propósito do exemplo lionês, a privatização do espaço reservado ao enfermo demorara a triunfar nestes estabelecimentos, pois contrariava os ritos da sociabilidade popular que se reconstruía espontaneamente. O essencial no que diz respeito ao nosso objetivo é sobretudo a transferência desta preocupação para o espaço privado; um processo acelerado pela epidemia de cólera de 1832, que entretanto tardadamente os males do amontoadamento e da promiscuidade re-

Estimulados pelas descobertas de Lavoisier e pelo novo entendimento do mecanismo da respiração, persuadidos dos benefícios de uma reserva de oxigênio, os médicos lutaram durante todo o século contra o leito coletivo e a promiscuidade. Pouco a pouco serao ouvidos. Seria impossível assegurar a promiscuidade de seu difícil triunfo. A nova solidão do leito individual conforta o sentimento da pessoa, favorece sua autonomia, facilita o desabrochar do monólogo interior; as modalidades da preocupação do dezaneto, as condições do adormecer e do despertar, o desenvolvimento do sonho, e do pesado, tudo é transformado. Ao passo que se atenua o calor da fraternidade e se desenvolve na criança a exigência da bonca ou da confortadora mão materna. Os médicos o deploram: o prazer solitário fica favorecido.

No seio da pequena burguesia, pelo menos, avança o quarto individual, objeto da solicitude dos higienistas que ditam os volumes, aconselham a eliminação das domésticas e da roupa de cama suja. O quarto de uma moça, transformado em templo de sua vida privada, enche-se de sim-bolos; confunde-se com a personalidade da ocupante, prova sua autonomia. O pequeno oratório no ângulo, a gaiola do passarinho, o vaso das flores, o papel de parede que imita o tecido de Jouy; a escrivãinha que encerra o álbum e a coleção de cartas íntimas, talvez a biblioteca, contibuem para definir a imagem de Césarine Bitorreau ou Henriette Gérard, e mais ainda a de Eugénie de Guérin, cujo diário entoa um interminável hino ao prazer de ter seu "quartinho", igualmente celebrado por Caroli-



No quarto saturado de objetos,

símbolos de seus prazeres, esta

burguesa deleita-se com sua liberdade

solitária. Nesta época, a vedação

dos locais de intimidade constitui para

muitos uma agradável novidade.

(Paris, Biblioteca das Artes

Decorativas.)

Mesmo na Salpêtrière, este inferno

das mulheres, trunfa o leito

individual e esboça-se a privatização

do espaço. (Albert Morand,

La Salpêtrière, Paris, Museu de

Assistência Pública.)



A idílica mansarda da costureirinha, cujo bem-comportado ambiente é atestado de virtude, constitui o avatar plebeu do modelo. A obrigatoriedade de "um quarto para cada um" impõe-se mesmo nas casas de tolerância fiscalizadas pela polícia de costumes. No campo, a intimidade de um espaço conjugal explicita-se pouco a pouco com a instalação de cortinas, de biombos, até com a construção de sumários tabiques. Quando o dono da casa decide passá-la a alguém, desenvolve-se o uso de reservar-se um quarto no contrato de doação; ele garante assim a privatização do espaço em que deve passar o resto de sua existência.

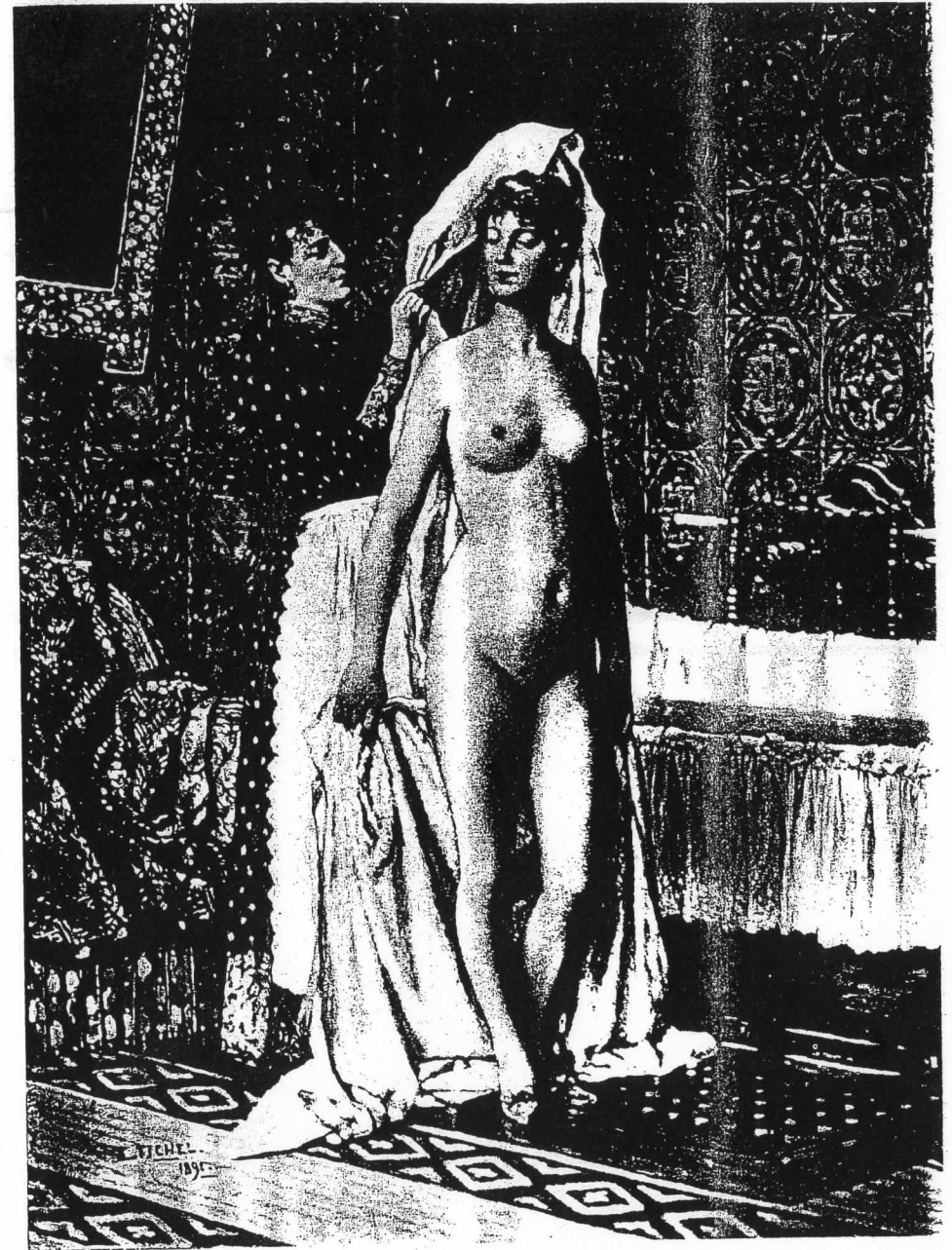
Paralelamente, a crescente intimidade dos locais de defecação favorece a busca do monólogo interior. Nos imóveis populares, a posse da chave das latrinas inaugura esta familiaridade do excremento, que constitui um elemento não negligenciável do avanço da *privacy*. Quando, em torno de 1900, difunde-se o sanitário, e mais tarde o banheiro, dotado de um sólido ferrolho, o corpo nu pode começar a experimentar sua mobilidade a salvo de qualquer intromissão. Este espaço, dessensibilizado ao máximo, transforma-se no templo *clean and decent* do inventário e da contemplação de si próprio.

A HIGIENE ÍNTIMA

Os progressos da higiene íntima efetivamente revolucionam a vida privada e as condições da função. Múltiplos fatores contribuem. Desde os primórdios do século, para acentuar as antigas exigências de limpeza, que germinaram no interior do espaço dos conventos. Tanto a descoberta dos mecanismos da transpiração como o grande sucesso da teoria infeccionista levam a se acentuar os perigos da obstrução dos poros pela sujeira, portadora de miasmas. Um pouco mais tarde, o fortalecimento do conceito de "depuração" impõe uma vigilante higiene dos "emunctórios" do organismo. A reconhecida influência do físico sobre o moral valoriza e recomenda o limpo. Novas exigências sensíveis rejuvenescem a civilidade; a acentuada delicadeza das elites, o desejo de manter à distância o dejecto orgânico, que lembra a animalidade, o pecado, a morte, em resumo, os cuidados de purificação aceleram o progresso. Este é estimulado igualmente pela vontade de distinguir-se do imundo zé-povinho. Tudo contribui para estabelecer um novo estatuto do desejo sexual e da repulsão, que por seu turno aviva o impulso das práticas higiênicas.

Porém, em contrapartida, muitas crenças incitam à prudência. A água, cujos efeitos sobre o físico e o moral são superestimados, reclama precauções. Normas extremamente estritas regulam a prática do banho conforme o sexo, a idade, o temperamento e a profissão. A preocupação de evitar a languidez, a complacência, o olhar para si, na verdade a masturbação, limita a extensão de tais práticas. A relação na época firmemente estabelecida entre água e esterilidade dificulta o avanço da higiene íntima da mulher.

Entretanto, o progresso esgueira-se aos poucos, das classes superiores para a pequena burguesia. Os empregados domésticos contribuem



na toalete serve de pretexto
exaltação do corpo da mulher,
perfeita depilação é apenas
nacional. O historiador
ano Peter Gay sublinha com
papel desempenhado pela
implação de obras de arte na
ção dos sentidos da juventude
esa. (Benjamin-Eugène Fichel,
r na toalete, 1891. Paris,
eca Nacional.)

limpamente sua sopa; no entanto, na casa da vizinha, Fiffille Migneboeuf, ordena-se que a criança enxugue o sangue menstrual espalhado pelas lajes da sala comum. A própria escola republicana, tão exaltada por sua ação higiênica e pelo ritual das visitas de limpeza, não tem ambições; para convencer-se basta reler atentamente *Le tour de France par deux enfants* [A volta à França por dois meninos]. A batalha decisiva trava-se em torno do uso do pente e do aprendizado da disciplina da defecação. O garoto deve deixar de pentear-se com os dedos; e a menina, aprender a manter limpa sua calcinha.

Por volta do início do século XX, contudo, uma virada se delineia: o progresso, limitado, do equipamento e do mobiliário sanitários, a influência da ducha das sociedades esportivas, os esforços da nova administração da higiene pública, a crescente utilização dos hotéis de turismo e dos bordéis de luxo ajudam a difundir a bacia e o jarro d'água; mas será preciso esperar pelo período entreguerras para que se difunda o ferro esmaltado; e pelos anos 50, a banalização da ducha e do banheiro, para que a revolução higiênica se opere em profundidade.

É no seio do espaço privado que o indivíduo se prepara para afrontar o olhar dos outros; ali configura-se sua apresentação, em função das imagens sociais do corpo. Também neste domínio verificou-se uma revolução. O século XIX elabora e em seguida impõe uma estratégia da aparência, um sistema de convenções e ritos precisos que não visam senão a esfera privada. Depois opera-se o lento enfraquecimento desta recente especificidade, com base na distinção hipertrofiada entre o dentro e o fora. Assim, ao cabo de décadas, a camisola de dormir deixa aos poucos de ser tolerada fora do quarto. Tornou-se o símbolo de uma intimidade erótica e a menor alusão a ela, mesmo implícita, seria já então inconveniente: mais ainda uma vez que a camisola conjugal tende a distinguir-se da simplicidade juvenil. Toda uma gama de *déshabillés* compõe o guarda-roupa matinal, no qual uma mulher decorosa não será vista por estranho algum, a menos que seja seu amante; uma exigência de modéstia espicada pelo progressivo refinamento destas vestes e pela visibilidade cada vez maior das roupas íntimas. O *Mas então não passeies toda nua* de Feydeau não deve ser tomado ao pé da letra. Da mesma maneira, em sua casa uma mulher circula com os cabelos soltos: no espaço público, um tal penteado designaria a arrumadeira... ou a prostituta. Tais normas entram no sistema global de freios que contribui simultaneamente para limitar o acesso da mulher à cena pública e para dar solenidade ao seu aparecimento. A distinção entre o dentro e o fora também não poupa a população masculina; a vestimenta adotada pelo parisiense em sua casa não lhe permitiria afrontar a rua.

Outro fato histórico renova então as condutas privadas: o inaudito sucesso da lingerie. A extrema sofisticação da vestimenta invisível valoriza a nudez, dando-lhe maior profundidade. Jamais, observa Phi-

lippe Perrot, o corpo feminino foi tão escondido como entre 1830 e 1914. Após a combinação, o calção propaga-se irresistivelmente. Usado primeiro pela menina, vence sua causa junto às mulheres adultas com o triunfo da crinolina, ou seja, no início do Segundo Império. Em 1880, seu uso é imperativo, ao menos na burguesia. Entretanto, o corpete resiste às violentas ofensivas empreendidas contra ele pelo corpo médico. A amarração "à preguiçosa" permite seu uso autônomo; deixa que a mulher se arrume sozinha, o que incrementa sua margem de manobra amorosa.

No final do século a riqueza, até então desconhecida, da renda e dos bordados acompanha a hipertrofia da lingerie. Jamais ficarão tão evidentes os efeitos perversos do pudor; enquanto se multiplicam os estâgios do despir-se, os impacientes dedos masculinos devem suplantar obstáculos de uma gama cada vez maior de laços, colchetes e botões. Tãmanha acumulação erótica, que contribui para renovar a mitologia libidinosa e cuja representação gráfica continua a ser um tabu, exceto na caricatura, difunde-se com extrema rapidez — mais depressa que a higiene — em todas as classes da sociedade. Muito em breve, até o jovem camponês sedutor deverá aprender a haver-se com inesperados obstáculos.

Seria conveniente refletir sobre o que significa a aceitação destes refinados complicadores, em harmonia com a perturbadora hipertrofia do imaginário erótico que traduzem, no seio da burguesia, a ânsia de cobrir-se, a obsessão da capa, do estojo e do cadarço. O desejo de conservação, o cuidado de proteger-se, o medo da castração, a permanente lembrança da ameaça do desejo realizam aqui um neurótico encontro.

Como então admirar-se com o ascenso deste fetichismo, descrito e codificado por Binet e Krafft-Ebing, no final do século, mas cujos sintomas já tinham sido minuciosamente analisados por Zola. Huysmans e Maupassant? A mística do talhe e das curvas, a fixação do desejo nos sedosos arredondados do colo, o valor erótico do pé e do couro das botinas, o desejo de cortar a cabeleira feminina para respirar à vontade tornaram-se fatos históricos, assim como o fetichismo do avental, símbolo de intimidade que parece autorizar todos os atrevimentos. A lingerie, onde vão inscrever-se os traços da sexualidade, da enfermidade, até do crime, adota um discurso comprometedor; nele se apóia o rumor elaborado pelos criados e logo amplificado pelas lavadeiras. A lavadeira do castelo sabe de muita coisa; desfruta na aldeia do prestígio da mulher que conhece os segredos das belas roupas íntimas.

Dentro do espaço privado desenvolve-se também a toaleta que prepara a aparição na cena pública. O ritual deste labor inútil, por muito tempo confinado à elite, difunde-se brutalmente entre 1880 e 1910. Alguns traços principais o caracterizam: para começar é um cla-



O corpete tem por missão sublinhar as formas femininas. Na jovem de silhueta ainda esbelta, acentua a curva das ancas e do seio. Contribui, sem demasiada indiscrição, para evidenciar o dote estético. Aqui, contudo, uma amarração "à preguiçosa", bastante frouxa, valorizando a graça do gesto, evita a autêntica tortura que a moça se arrisca a sofrer quando chegar a hora do casamento e da maternidade. (Eugène Vincent Vidal, Moça do corpete rosa. Paris, Museu de Luxembourg.)

AS ESTRATÉGIAS DA APARÊNCIA

Caserna: quarteirão

BASTIDORES

Revelar as posturas da intimidade feminina, até então reveladoras de sexualidade sexual, Degas, aliás homem fascinado pelo mundo bordêis, registra e enaltece ao longo do tempo a nudez total da toilette, o que confere uma nova aceitabilidade. Em 1886, o [tina] está na moda; sua difusão concedeu largamente a banheira de ferro. (Edgar Degas, A tina, Paris, Museu de Orsay/Jeune École.)

Com a banheira de metal, móvel, concede a instalação dos sistemas modernos, fixos devido ao planejamento. Aos poucos, cria-se um novo espaço de intimidade onde o abrigo de qualquer intromissão ameaça seu pudor, a mulher se pavoneia-se, lê, sonha. Com a de uma leve camisola, a postura enfado que ela sugere evocam mais o arcaico alibi terapêutico do banho que a sensualidade. Única de erotismo: o pescoço do cisne esculpido na torneira. (Fred Stevens, A banheira. Museu de Compiègne.)

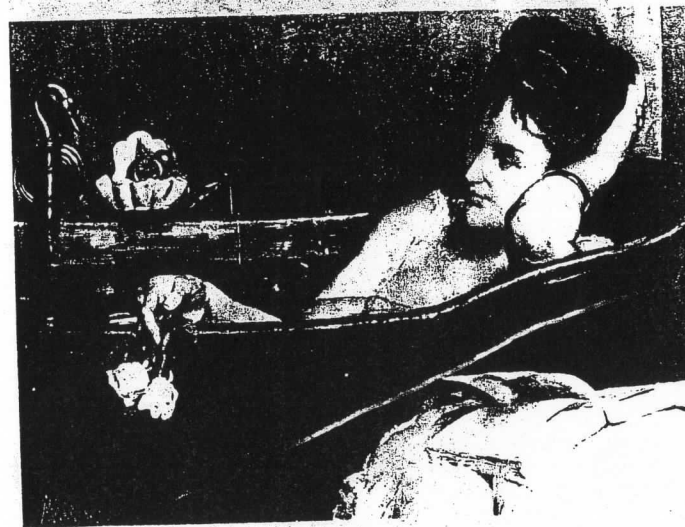


inclusive para a iniciação de uma pequena parcela do povo; mas ainda não se trata de nada mais que uma higiene fragmentada. Lavam-se com frequência as mãos; todos os dias o rosto e os dentes, ou pelo menos os dentes da frente; os pés, uma ou duas vezes por mês; a cabeça, jamais. O ritmo menstrual continua a regular o calendário do banho. A este propósito, a maioria das congregações femininas do século XIX ainda se refere à norma ditada por santo Agostinho. No final do século, o aparecimento do *tub* à moda inglesa, mais tarde a difusão, sem dúvida muito moderada, da ducha tendem a modificar o tempo do banho. A ducha beneficia-se de um preconceito, pois sua ação dinamizante exorciza o engastamento. Tal virtude não dispensa ainda o alibi terapêutico. O regulamento da Escola Normal de Sèvres, elaborado em 1881, reserva as duchas a doentes acompanhadas por uma enfermeira. Assim compreende-se melhor o atraso da higiene sexual. Gui Thuillier constata que o bidê e as toalhinhas higiênicas não aparecem, entre a boa burguesia de Nevers, antes do raiar do século XX.

Na sua maioria as populações rurais, habituadas, é verdade, ao banho de rio juvenil em períodos de forte calor, ficam à margem do progresso até a Primeira Guerra Mundial. É certo que as municipalidades procuram abastecê-las com água; um sistema de torneiras, de "tinas" e lavatórios se desenha na Baixa Normandia, sob a Restauração, durante a Monarquia de Julho, no Nivernais, e na Terceira República em Minot, Châtillonais. É certo que o hospital, a prisão, mais tarde a escola e a caserna concorrem para a iniciação higiênica, inaugurada por estes infatigáveis médicos de aldeia que têm no dr. Benassis o seu símbolo. Mas, já o vimos, o código da medicina acadêmica muitas vezes contradiz os conhecimentos populares do corpo: lavar demais a roupa branca pode estragá-la, uma limpeza meticulosa não passa de perda de tempo, sob a sujeira forma-se uma bela tez. A injunção médica atrapalha; freqüentemente aparece como uma intolerável intromissão dos senhores da cidade.

Nos meios operários encontra-se uma certa ambivalência: no final do século, a limpeza torna-se uma necessidade; a vontade de mudar de roupa após o trabalho traduz uma exigência de dignidade; constitui inclusive o motivo de muitas greves na região parisiense, às vésperas da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, a aplicação da lei sobre a higiene, votada em 1902, mostra-se difícil. A inspeção aparece como um insuportável controle. Em Nivernais, patrões e operários entram em acordo para negligenciar as novas prescrições.

Para dizer a verdade, aquilo que as elites entendem então por higiene, quando se trata do povo, diz respeito sobretudo à aparência. Estar limpo significará antes de mais nada não andar manchado (em Lyon, o tintureiro é chamado "tira-manchas"), limpar as vestes, evitar os moços grosseiros, pentear a cabeleira, lavar às vezes as mãos, eventualmente se "desemporcalhar" e, tardiamente, aspergir água-de-colônia. Para a "Baixinha" de Jules Renard, a higiene consiste em ter a habilidade de tomar





No final do século, à medida que se dilata o tempo de lazer do conjunto do corpo social, difunde-se um exaustivo "trabalho das aparências" (P. Perrot), ao qual a pequena-burguesa, ajudada por sua criada, deve submeter-se antes de afrontar a cena pública. A multiplicação dos trajes ao longo do dia impõe uma permanente adequação dos elementos do guarda-roupa; caso contrário, a confusão transformaria com demasiada evidência o espaço íntimo em bastidor do teatro social. (Coleção Sirot-Angel.)

ríssimo dimorfismo sexual que resulta em salientar a diferenciação dos papéis. A mulher tem o monopólio do perfume, da pintura, da cor, da sedosidade, da renda e sobretudo de uma torturante *body sculpture* que a coloca desde o início acima de qualquer suspeita de trabalho. Tem a função de ser a insígnia do homem condenado à atividade, ou seja, à vestimenta negra ou cinzenta, em forma de tubo, que faz Baudelaire bradar que este é um sexo de luto. As próprias roupas íntimas masculinas carecem de refinamento. O homem do século XIX não se orgulha de seu corpo, exceto de seus pêlos. Enquanto as ondas da cabeleira feminina frequentam o *modern style* e a "ondulação Marcel" faz furor, propagada pelos cabeleireiros para damas que começam a surgir, outros profissionais não propõem menos de quinze a vinte modelos de bigodes, barbas e suíças.

O que se investe nestas modas não é nada insignificante; sua história inaugura a difusão de um novo estilo de vida privada. Evidencia-se novamente aqui a importância da mutação efetuada entre 1860 e 1880. Até então, o campo mostra-se desconfiado em relação ao que chega da cidade; nas próprias ruas citadinas, os trajes camponeses continuam a existir-se altivamente nos dias de feira e de mercado. Vale dizer que entre 1840 e 1860, favorecida pela prosperidade rural, a vestimenta típica conheceu uma generosa idade de ouro. Em seguida inaugura-se o mimetismo que conduzirá à expropriação simbólica, à progressiva eliminação dos costumes regionais, piedosamente recolhidos pelos folcloristas. Enquanto as toucas e os coletes típicos desaparecem pouco a pouco, as gravuras de modas espalham-se até as regiões rurais menos acessíveis. As vendas por correspondência, a multiplicação das sucursais da Printemps, a instalação de modistas e sobretudo a extraordinária proliferação das costureiras no final do século aceleram a evolução. Transforma-se a existência das jovens adolescentes, agora sujeitas a um novo aprendizado. Yvonne Verdier bem o mostrou a propósito de Minot, é verdade que sem sublinhar o bastante que se trata de um fenômeno histórico, estreitamente delimitado no tempo.

O ambiente dos operários urbanos não é poupado. Por muito tempo impuseram-se a especificação do ofício pelo tipo de roupa; até meados do Segundo Império, era fácil distinguir na rua a blusa do operário, o terno negro do magistrado, o colarinho do empregado. Mas eis que germina, após 1860, a tentação de endomingar-se. O operário pretende vestir-se à burguesa para fazer sua festa mesclado com a multidão urbana. O repouso dominical reveste-se a partir daí de um novo significado. Endomingar-se é mostrar-se sensível à moral da limpeza. Para a jovem operária quer dizer assumir os novos refinamentos da sedução feminina, aceitar o jogo da botina, do lençinho perfumado e do seio bem desenhado, adotar uma postura nova; é também impor-se o obcecante aprendizado das compras; é, por fim, reconhecer os novos tempos da usura. Muitos contos de Maupassant, inúmer-



O PUDOR E A VERGONHA

quanto o movimento operário
na a si a clerical injunção do
uso dominical, o ritual do
eio, por muito tempo confinado
burguesia, propaga-se
icadamente no final do século.
estimulado pelo prolongamento
tempo livre e pelo desejo
participar do desfile de trajes
embaralha os níveis sociais e
mite o sonho do contato efêmero.
nri Evenepoel, Passieo de
ningo, 1899. Liège, Museu de
as Artes.)

ras canções de 1900 registram esta mutação simbolizada ainda pelo surgimento do moço de recados, longínquo descendente da costureirinha *grisette*.

No século XIX, o pudor e a vergonha pretendem reger os comportamentos. Por trás destes termos oculta-se um duplo sentimento: de um lado, o medo de ver o Outro — o corpo — exprimir-se, de permitir que o animal ponha as manguinhas de fora; de outro, o temor de que o segredo íntimo seja violado pela indiscrição, o desejo atizado por todas as precauções destinadas a mascarar tamanho tesouro. O primeiro sentimento dá lugar à contenção, ou seja, a preocupação de evitar qualquer manifestação orgânica suscetível de recordar que o corpo existe. Richard Sennett evoca a propósito a "doença verde", constipação provocada nas mulheres pelo receio de peidar em público. Os médicos estabelecem o quadro clínico da "ereutofobia", pudor exacerbado, mórbido pavor de não poder impedir o rubor de subir às faces. Do segundo sentimento deriva, por exemplo, a recusa do espêculo, cujo emprego permanece por muito tempo identificado com um "estupro médico"; no final do século, os abolicionistas continuam a empregar o argumento em sua luta contra a prostituição regulamentada. O mesmo tipo de ansiedade acarreta nas mulhe-

res o "mal branco", recusa em sair por medo de ser espiada por desconhecidos.

Esta dupla preocupação instiga a exigência do porte "modesto", que inspira em especial a pedagogia das congregações femininas. Esta visa em primeiro lugar reduzir a vivacidade das crianças. A quebra do ritmo dos impulsos conjuga-se aqui com a vontade de estancar as fontes de emoção e restringir os assomos da sensualidade. Já que os sentidos são semelhantes a portas abertas para o demônio, é preciso ensinar a prudência, instruir a juventude para que ocupe permanentemente as mãos, receie seu próprio olhar, saiba falar em voz baixa e, melhor ainda, compenetre-se das virtudes do silêncio. Odile Arnold distingue a este respeito, nos conventos de meados do século, um nítido endurecimento pedagógico, que se segue a uma considerável liberdade e até a uma real espontaneidade de atitudes. A tentativa de descorporificação se exaspera com o enaltecimento do modelo angelical; em muitas moças opera-se então uma verdadeira identificação com o anjo. Esta miragem, cuja gênese Jean Delumeau atribui em parte à antiga influência do neoplatonismo, acentua rapidamente seu domínio; nitidamente perceptível nas posturas da prece, acompanha a crescente exaltação da virgindade e o ascenso do lirismo da castidade. É sintomática, a propósito, a rápida difusão do culto a Filomena a partir de 1834. O modelo desta santa que nunca existiu, mas à qual ainda assim são consagradas abundantes biografias, permite a difusão de preces, imagens e até cordões destinados às juvenzinhas desejosas de se conservarem intatas. Não esqueçamos: nesse século em que se afirma o primado da palavra masculina, é através da retórica do corpo, da elevação do olhar e do fervor do gesto que se opera a prêdica feminina.

Resta colocar o problema da difusão das condutas. Suzanne Voilquin, filha do povo, relata o verdadeiro noviciado a que foi submetida, entre 1805 e 1809, pelas mestras da escola do claustro de Saint-Merry, e em seguida pelas tristes senhoritas normandas em cuja casa efetuou seu aprendizado, desde os nove anos de idade. Todavia, a antropologia angelical relativa à época romântica só se estende amplamente quando se deflagra a contra-ofensiva católica, ou seja, após 1850. As técnicas de contenção destiladas nos conventos penetram então nos meios populares. Muito recentemente, Marie-José Garniche-Merritt, que recolheu minuciosamente o testemunho da memória popular, traça um quadro impressionante da minuciosa vigilância exercida, ainda entre 1900 e 1914, pelas religiosas sobre as moças da pequena comuna de Bué-en-Sancerrois. Constitui-se, especialmente nas paróquias rurais, uma rede de congregações juvenis. Incontáveis associações de crianças, de Filhas de Maria, ou ainda dessas donzelas agraciadas com coroas de rosas, as *rosières*, que Martine Segalen avalia serem provavelmente um milhar, aplicam a lição de moral e contenção dispensada pela es-



em da piedade, onipresente da mocinha cristã, repisa a idade da preservação. heroína, consciente do ardor íneo de seu desejo, sente-se de resistir à tentação do baile ajuda da Virgem. A imagem figura do anjo da guarda, ator permanente que as boas onham equiparar com a rapariga impaciente antar vôo. (Paris, Biblioteca al.)



cola republicana, ela mesma herdeira da civilização lasalliana pouco antes ensinada pelos mestres da Monarquia de Julho. Em Touraine, o prefeito e o padre cooperam na escolha e comemoração da *rosière* da aldeia. Exatamente na manhã de sua celebração, esta deve provar sua virgindade diante do médico. Em Nanterre, a descristianização não impedirá que se mantenha este modelo de virtudes domésticas e privadas.

No coração da moradia popular, uma nova contenção corporal acompanha o ingresso das preocupações de distinção. Em um romance em parte autobiográfico, Céline relata a tortura infligida ao jovem herói de *Mort à crédit* [Morte a crédito] por seus pais, um pequeno empregado e a lojista de uma das ruazinhas do centro de Paris. Seria demasiado extensa a enumeração de todas estas disciplinas que conduzem à transformação de práticas até então ostensivas em gestos íntimos. Despir-se em comum antes de deitar-se no leito fraternal, realizar diante de outros o ritual da toalete, fazer amor no quarto familiar constituem outras tantas condutas que se tornaram "vergonhosas".

Detenhamo-nos um instante no caso da "moça crescida", púbere, que focaliza então os cuidados dos moralistas. Consagram-se especialmente a ela grossos manuais de fisiologia e higiene. Eles desenham

a imagem, fantasmagórica, bem entendido, de uma criança amedrontada ou surpreendida pela radical metamorfose que se opera em si mesma e que o surgimento das regras sanciona. Estranha menina, de gostos incompreensíveis, tanto mais perigosa por ainda não ter apreendido a condição feminina e permanecer excessivamente próxima das forças naturais recém-surgidas em seu corpo. A languidez, os suspiros, as lágrimas involuntárias traduzem esta estranheza e impõem a solicitude dos que a cercam. Enche-se a existência da moça de proibições, embora seja verdade que estas com frequência ficam na teoria. Os médicos aconselham que se evite estimular sua curiosidade pelas coisas do sexo. É assim que, estimulada pela urbanização que priva os jovens do espetáculo da copulação animal, favorecida pelo confinamento da sexualidade ao quarto dos pais, opera-se a multiplicação das "ingênuas". É então que se passa a acreditar que os bebês nascem dentro de couves. Fica ainda por determinar a exata medida do fingimento, da distorção que se estabelece entre a atitude e o discurso interior; projeto, ai!, irrealizável. Claudine e suas melhores amigas da escola, que se dedicam a concursos de seios, sugerem-nos com efeito uma imagem bem diferente das moças.

O horror suscitado pelas práticas sexuais solitárias constitui um precioso índice de amplitude da hipótesia. Os historiadores, de Jean-Louis Flandrin a Jean-Paul Aron, sublinharam a hipertrofia do discurso médico sobre tal flagelo, de há muito denunciado pelo clero. A publicação, em 1760, do célebre *Onania* do dr. Tissot, incessantemente reeditado até 1905, estabelece uma data decisiva a respeito. Especialistas debateram sobre o crescimento de tais práticas, mas, evidentemente, a história mostra-se aqui incapaz de oferecer certezas. A elevação da idade dos casamentos, a constituição de verdadeiros guetos de celibatários no coração das cidades, o desaparecimento das formas tradicionais de sexualidade "de espera" no meio rural, a proliferação do internato masculino, os progressos do quarto e do leito individuais, o incremento do terror exercido pelo perigo venéreo sugerem uma expansão das práticas solitárias, a menos que se suponha um ascenso paralelo do processo de sublimação. Eu acrescentaria que tudo aquilo tendente a exaltar o indivíduo, a alimentar seu diálogo interior, só pode ter favorecido semelhante forma de prazer. Não esqueçamos, ademais, o fascínio da transgressão, as delícias da desculpa e da falta, assim como, na mulher casada e insatisfeita, o desejo de compensação ou de revanche combinado com o perigo de "aborrecimentos" que a escolha de um amante comportaria. Tudo, enfim, leva a supor que sem a ajuda de tais práticas a campanha dos moralistas não teria se revestido de tamanha intensidade.

Mas retornemos ao aterrozante discurso dos doutos, cujo efeito dissuasivo não se deve minimizar. A interminável diatribe, que se integra à sexualização da infância detectada por Michel Foucault, funde-se antes de mais nada com o fantasma da perda, com a necessidade

O PRAZER
SOLITÁRIO

de gerir qualquer dispêndio e portanto de elaborar uma saudável economia espermiática. Nesta perspectiva, repete-se que o prazer solitário masculino conduz a uma rápida decadência. O definhamento, a senilidade precoce seguida de morte balizam o itinerário percorrido por estes indivíduos emagrecidos, macilentos e quase amnésicos que lotam os consultórios médicos. A dramatização do quadro clínico traduz o temor de que o dispêndio de energia prejudique o dinamismo necessário ao esforço e coloque em causa a capacidade de trabalho; oculta sobretudo a recusa do aprendizado do prazer, a negativa das funções hedonistas.

O gozo da mulher sem a presença masculina parece ser particularmente intolerável. A "manualização" constitui o supra-sumo do vício. Para o homem, figura o segredo absoluto, infinitamente mais misterioso que as comoções do coito. Aqui nem se cogita de privilegiar os riscos de esgotamento, pois a capacidade copuladora da mulher parece infinita; porém outras sanções, igualmente terríveis, espreitam no horizonte da falta. Não há um quadro clínico, mas a biografia de ninfômana, de histerica ou prostituta que se abre sobre a imagem da pequena viciosa. Reencontra-se aqui a hostilidade que os médicos do século XIX demonstram diante do clitóris, simples instrumento de prazer, inútil na procriação.

A luta contra a corrente provém dos pais, do padre e sobretudo do médico. Os livros incitam a vigilância doméstica. Aos olhos dos educadores clericais, o sono deve ser o equivalente da morte, o leito, imagem do túmulo e o despertar, equivalente da ressurreição. No interior do dormitório do pensionato encontra-se uma freira para zelar pela "modéstia" do despertar e do adormecer. Durante o dia, convém não deixar a criança sozinha por muito tempo. O regulamento das casas dirigidas pelas ursulinas prescreve que as moças devem ficar sempre à vista de numerosas colegas. Os médicos, por seu turno, aconselham que se evite o calor e a maciez da cama; proscvem a mantz e um exagero de cobertas, e fixam a postura do sono. A prática feminina da equitação desperta sua desconfiança, assim como a máquina de costura, denunciada pela Academia de Medicina em 1866.

A estrutura dos equipamentos e, em caso de necessidade, a ortopedia concorrem para a prevenção. Em 1878 os especialistas aconselham a adoção de sanitários tendo na parte superior e na inferior orifícios autorizando o controle de posturas. Certos médicos aconselham que os meninos vistam longas camisolas. Até 1914 os especialistas propõem contra o onanismo rebelde o uso de bandagens sob medida; alguns chegam mesmo a fabricar "cintos de contenção" destinados às moças. Nos hospícios, algemas, correias, aparelhos instalados entre as coxas para impedir o toque são impostos aos alienados ninfômanos. Quando o mal persiste, pode acontecer a cirurgia. A cauterização da uretra parece ser praticada com bastante frequência. Théodore Zeldin cita o martírio do empregado de uma loja, com dezoito anos de idade, vítima

por sete vezes de semelhante terapêutica, destinada, em princípio, a curá-lo de perdas seminais involuntárias. Porém são ainda mais eloqüentes os pavores de Amiel, minuciosamente relatados pela própria vítima. O infeliz "sucumbe" regularmente às "perdas seminais". "Cada poluição é uma punhalada para vossos olhos", declarou um especialista ao rapaz de dezenove anos. Este, aterrorizado, anota cuidadosamente desde então cada uma de suas ejaculações noturnas; consigna seus arrependimentos, escreve suas resoluções; à noite, toma banhos de água fria, come gelo picado, lava as virilhas com vinagre. Nada adianta; em 12 de junho de 1841 ele decide não dormir mais que quatro ou cinco horas por noite, sentado em uma poltrona.

A cauterização do clitóris e do orifício da vulva constituem em contrapartida procedimentos muito raros, e mais ainda a clitoridectomia, praticada pelo dr. Robert desde 1837 e mais tarde, no final do século, pelo dr. Demetrius Zambaco. Com efeito é necessário ser prudente e, sem negar a significativa dimensão de tão terríficas práticas, não superestimar sua frequência.

Compreendemos assim o quanto o corpo torna-se uma obsessão no seio da vida privada. O auscultar dos obscuros sinais da cenestesia, a vigilante espreita da tentação, a permanente ameaça que se acredita pesar sobre o pudor, o fascínio exercido pela transgressão sempre possível concorrem para valorizá-lo. Chega-se a fugir do espetáculo do coito animal. A simples alusão a ele é uma grosseria masculina cujo sentido humorístico é difícil conceber atualmente. Grupos de canto e círculos formam-se exclusivamente para rir e falar de sexo. O nu, profundamente oculto, é um fantasma a rondar os homens. Os convidados da condessa Sabine, uma das heroínas de *Nana*, conjecturam longamente sobre a forma de suas coxas. Comparada com isto, nossa tão célebre submissão aos impulsos e desejos do corpo parece bastante descuidada e até um tanto desajeitada.

INTERPRETAÇÃO E CONTROLE DE SI

Enquanto se processa o esgotamento literário da intimidade, aprofunda-se o desejo de decifrar a si próprio, banaliza-se a prática da introspecção. Processos favorecidos pelo refinamento e difusão social dos exercícios espirituais surgidos do esforço disciplinar pós-tridentino. Paradoxalmente, o procedimento do exame de consciência estende-se no momento em que se reduz o efetivo dos praticantes. Uma nova compreensão dos imperativos da teologia moral permite o acesso da massa de católicos a uma disciplina mental que permanecerá por muito tempo restrita à elite. Durante a Restauração, multiplicam-se os retiros e missões; tanto uns como outras deságuam em uma confissão geral; estas proporcionam ocasião para uma longa exploração de si. Claude Langlois mostrou o enraiza-



Quando a vigilância dos pais e educadores não basta, apenas o corpete ou o aparelho ortopédico contém no adolescente a irresistível necessidade do prazer solitário e evita por excessiva dilapidação da preciosa semente. (Paris, Biblioteca da antiga Faculdade de Medicina.)

A BANALIZAÇÃO DO EXAME

mento popular da prática do retiro na diocese de Vannes. Em 24 de março de 1821, relata Gérard Cholvy, 6 mil homens participam, de círio em punho, da honrosa cerimônia de caridade que constitui o forte da grande missão de Montpellier. Cerca de meio século mais tarde, em 1866, por motivo da visita de uns pregadores a Chasseradès — a humilde comuna do inacessível Gévaudan — opera-se o voltar-se para si e desata-se a língua dos rudes camponeses dos *oustaux*. A manutenção, durante décadas, da dupla confissão e da absolvição diferenciada, a prática da confissão geral por etapas, entremeada por longos períodos de auto-análise, tal como era preconizada pelo padre de Ars, convertido em missionário sedentário durante a Monarquia de Julho, incitam a um minucioso esquadramento da memória à procura da falta.

A proliferação dos "regulamentos de vida", a crescente precisão das "resoluções" acompanham o aprofundamento dos exames. Pregadores e educadores congregacionistas convidam as almas piedosas a exercer esta nova maestria. Assim se acomodam as condutas no interior da vida privada. Aconselhados pelas educadoras, os pais impõem um rígido regulamento às moças que retornam do internato, com o intento de afastá-las das tentações de uma vida que parece devotada ao ócio. O emocionante *Cahier de résolutions* [Caderno de resoluções] da jovem Léopoldine Hugo testemunha o sistema. Algumas boas almas chegam a estimular todas as moças a manter um diário, como simples corolário do sacramento da penitência. Em Marselha, Isabelle Fraissinet, com doze anos de idade, é constrangida a preencher todos os dias o seu. O papel pode registrar também o progresso da vida espiritual dos adultos, aliviar os escrúpulos nascidos de pequenas faltas cotidianas. Após 1850, o ascenso do diário feminino de conversão, tendo por modelo o de madame Swetchine, editado por Falloux, traduz o mesmo desejo de adaptar a fins edificantes a crescente necessidade de escrever sobre si.

Não menos essencial é a laicização dos procedimentos de interpretação do indivíduo, elaborados à sombra do confessional. A compatibilização da existência, a aritmética das horas e dos dias, que sobrecarregam o homem do século XIX, não derivam apenas do temor da falta; provêm igualmente deste mesmo fantasma da perda que conduz a manter livros de contabilidade doméstica da mais extremada minúcia, que engendra a angústia do desperdício de espírito ou simplesmente do cotidiano estreitamento da duração da vida. Este desejo de represar a perda transborda para o diário íntimo.

O extraordinário *Essai sur l'emploi du temps ou Méthode qui a pour objet de bien régler l'emploi du temps, premier moyen d'être heureux*

[Ensaio sobre o emprego do tempo ou método tendo por objetivo a boa organização do emprego do tempo, primeiro meio de ser feliz], redigido em 1810 por Jullien, militar da reserva, manifesta claramente sua filiação. O autor, que remete a Locke e a Franklin, e cujo trabalho será coroado por Fourcroy, recomenda que se divida o dia em três fatias de oito horas. Aconselha que se consagre a primeira ao sono, a segunda aos estudos e aos "deveres de seu emprego", a terceira às refeições, ao lazer e aos exercícios corporais. Aconselha, sobretudo, que se mantenham três diários ou "contabilidades", onde serão registradas as flutuações da saúde, as vicissitudes da moral e as pulsações da atividade intelectual. Um "memorial analítico" e um quadro tríplice da situação, redigidos a cada trimestre ou semestre, permitirão que se façam sucessivos balanços que será conveniente submeter a um amigo voluntário para julgar sua evolução. O desejo de esclarecimento interior, combinado com o temor do desperdício, suscita aqui uma prática que não subentende nenhum diálogo com o Criador. É em função do olhar sobre si mesmo, e dos olhares dos outros e do mundo, que se estrutura um exame permanente, obcecante. O longo monólogo interior permite também que se controle a aparência pessoal, tornando-a ao mesmo tempo mais indecifrável aos outros; o necessário segredo do indivíduo contribui para impor a introspecção.

Os grandes autores de diários da primeira metade do século esforçaram-se por levar a bom termo esta tarefa de esclarecimento, sem a menor ambição literária. Suas obras, que com frequência registram simultaneamente o trabalho, o dinheiro, o lazer e a ação amorosa, desempenham o papel de contabilidades da decadência. O diário íntimo tenta exorcizar esta angústia da morte, que ele aviva com o próprio ato de se escrever. Detectar o desperdício de si próprio é proporcionar-se os meios para uma estratégia de poupança. "Ao conservar a história do que sinto", diz Delacroix em 7 de abril de 1824, "tenho um duplo fim: o passado retornará a mim. O futuro está sempre ali." Assim se constitui uma memória que autoriza a um só tempo a amnésia e a comemoração.

Manter um diário é também disciplina de interiorização; deposita-se sobre o papel a discreta confissão. A escritura permite a análise da culpabilidade íntima, registra tanto os fracassos da sexualidade como o sufocante sentimento da incapacidade de agir; repisa as resoluções secretas.

Múltiplos fatores contribuem ainda para explicar a ascensão desta fascinante prática. Em Maine de Biran, ela responde à ambição de apoiar a ciência do homem na observação e captar, para tanto, as relações que se estabelecem entre o físico e o moral. A busca de si mesmo é estimulada ainda por todos os fatos históricos que conduzem ao aprofundamento da sensação de identidade. Sobretudo, a aceleração da mobilidade social engendra um sentimento de insegurança. Incita

BASTIDORES

o autor do diário a indagar-se sobre sua posição, a calcular o julgamento dos outros. A muda presença da sociedade freqüenta a vida privada e solitária do autor. O novo feito das relações interpessoais ditado pela urbanização multiplica as feridas narcíseas, gera uma frustração que convida ao recolhimento neste refúgio interior. Maine de Biran prevê, em 1816, esta busca de uma revanche psicológica; presente os tempos em que "os homens, cansados de ouvir, estarão mais dispostos a se voltar sobre si próprios, buscando ali o repouso e esta espécie de calma e consolo que só se encontra na intimidade da consciência".

O avanço do sentimento de propriedade não é estranho à nova busca; mais uma vez é Maine de Biran que o presente; ele se felicita quando o abade Morellet, seu amigo, na monografia que consagra ao assunto, baseia o direito de propriedade no "direito de cada homem sobre si próprio, sobre todas as suas faculdades, [sobre] seu eu".

Resta definir o efetivo consagrado à prática de escrever sobre si mesmo. Caso nos atenhamos aos grandes autores de diários, reconhecidos pela história literária, a tarefa é fácil. São numerosas as mulheres às quais o código das conveniências proíbe a publicação e que suprem graças ao diário sua necessidade, quando não sua fúria, de escrever. A própria Eugénie de Guérin confessa que aplaca um irreprimível desejo e tudo leva a crer que o mesmo ocorre a madame de Lamartine, a mãe do poeta.

Com freqüência mal inserida na sociedade onde foi chamada a viver, a autora de um diário sofre por não poder comunicar-se. Ademais, sente dificuldade em decidir-se. Em maio de 1848, com 27 anos de idade, Amiel expõe em seu diário, sob a forma de uma interminável equação, os elementos de um eventual casamento. "Eu invento fantasmas e obstáculos gratuitos", confessa Maine de Biran, esmagado pelo que denomina a "preocupação" — nós diríamos a ansiedade — que ele atribui à "desconfiança de si próprio".

Em suma, o grande escritor de diários não está longe de parecer um doente; certamente um tímido, até um impotente, cheio de tendências homossexuais que não saberia saciar. A microfamília burguesa da província constitui o lugar privilegiado da eclosão do diário íntimo. Sua estrutura favorece o apego à mãe e à infância; Béatrice Didier afirma que o autor de um diário sofre de regressão e sua caligrafia traduz a busca de um refúgio maternal. Não se poderia negar que este castigo cotidiano prolonga os imperativos da pedagogia juvenil: ele lembra simultaneamente o caderno escolar e o dever de casa.

Com efeito o diário é, para começar, e talvez acima de tudo, uma prática. Impõe um fagigante trabalho; lembremos as 17 mil páginas escritas por Amiel! Para os que se comprazem com o monólogo interior, ele pode tornar-se também um refinado prazer. "Quando estou sozinho", declara Maine de Biran, "basta-me a ocupação de seguir o movimento de minhas idéias ou impressões, de apalpar-me, observar



Uma mulher da aristocracia ou da burguesia consagra muitas horas por dia à sua correspondência. Caroline Chotard-Lioret pôde analisar portanto milhares de cartas escritas, no último terço do século, pelos Boileau, um casal de dignatários de Saumurais. Ao permitir a verificação e manutenção dos grupos, a carta joga um papel crescente na relação amorosa. Nesta Belle Époque do adultério, é ela que permite na maioria das vezes que o marido descubra que é enganado. (Viscondessa de Cistello, A resposta. Salão de 1909.)

minhas disposições e as variantes de minha maneira de ser, de tirar o melhor partido de mim mesmo, de registrar as idéias que me ocorrem por acaso, ou as que minhas leituras sugerem." Neste sentido, o diário íntimo é o coroamento das alegrias da *privacy*: "Aspiro a tornar-me eu mesmo, retornando à vida privada e familiar", confessa o mesmo escritor, "erguendo-me assim acima de mim mesmo; então não serei ninguém". Entretanto, pode-se adivinhar, o diário é inimigo da vida conjugal! Às mulheres, sobretudo, impõe-se que o escrevam às escondidas. Eugénie de Guérin oculta até de seu adorado pai o caderno que ela preenche à noite, em seu "quartinho", enquanto contempla as estrelas. Manter um diário reveste-se efetivamente do aspecto masturbatório realçado por Béatrice Didier.

Os historiadores ainda não mediram satisfatoriamente a difusão social de uma prática cuja análise permanece como monopólio dos especialistas em literatura. Ademais, a grande fragilidade destes documentos certamente leva à subestimação de sua quantidade. Muitos indícios levam porém a pensar que o diário íntimo é o contraponto de muitas vidas privadas. A pequena burguesia não o ignora, como testemunha o texto de

A PRÁTICA DE ESCREVER SOBRE SI



fabetização, já quase generalizada do da instauração da escola pública, permite pela primeira vez o conjunto da juventude dedicar-se às diferentes modalidades escritas de si próprio. Lição ou prazer, carta, assim como a redação, entra a partir de agora na lista das práticas. (Philippe Jolyet. A carta, Salão de 1908.)

P. H. Azaïs, modesto autodidata parisiense; aqui o diário apresenta-se como herdeiro longínquo do livro de razão e companheiro do livro de contabilidade. Adivinha-se que as mocinhas que encontraram nele uma maneira de desabafar sejam legião. Caroline Brame, cujos papéis foram encontrados nos Puces, e Marie Bashkirtseff certamente não são exemplos isolados; e menos ainda Isabelle Fraissinet.

Convém destacar a propósito a imensa popularidade do álbum. Durante a Monarquia de Julho, escreve Pierre Georgel, toda moça de boa família tem o seu, que apresenta aos amigos da casa. É Lamartine que abre o de Léopoldine Hugo. Até os treze anos de idade, Didine registra ali seus brinquedos, seus sonhos de infância, suas leituras; em seguida surpreendem-se ali os suspiros e declarações dos primeiros admiradores aos quais a jovem aos poucos vai atentando. Desde então ela se preocupa com as roupas, registra os bailes, os espetáculos a que assiste e tem o cuidado de inscrever suas impressões de viagem. O álbum é um saco de gatos; ali colam-se boletins escolares e gravuras pitorescas; ao chegar o casamento, ele irá unir-se aos cadernos no novo museu dos arquivos familiares.

Funcionam entre o povo equivalentes simbólicos do álbum, se não do diário. O enxoval bordado pela juvenzinha não pode ser considerado como uma atenta escrituração de si e de seus sonhos para o futuro? Em todo caso, sua função ultrapassa em muito o simples desejo de dispor de uma reserva de panos para depois do casamento. Agnès Fine mostra com quantos cuidados a adolescente dos Pireneus fia, borda, marca com um fio vermelho este tesouro que, mais tarde, de nada lhe servirá. A moça designada como herdeira também se curva a este rito cuja necessidade prática ela não tem. Explica-se assim o extremo apego da mulher a semelhante acumulação simbólica. Em *Icarie*, Cabet será acusado de querer confiscar o enxoval. Ao valorizar ao extremo em sua narrativa o baú de panos que Gilliat herda de sua mãe, o autor de *Travailleurs de la mer* [Trabalhadores do mar] sabe perfeitamente que aponta um elemento maior da sensibilidade popular.

A busca retrospectiva do eu, objeto do diário íntimo, estimula arrependimentos, aviva nostalgias, mas, em um mesmo movimento, valoriza a aspiração e desperta o imaginário da construção de si. Convida à história da ambição, mas ali, sempre no limbo. Uma evidência, contudo: enorme moderação cerca as representações do futuro; esta prudência vem contradizer a imagem excessivamente fogosa de um século em que se daria vazão aos apetites. De fato, convém não esquecer o atrativo da reprodução e a força dos mecanismos que o corroboram. A amplitude do apadrinhamento, do sistema da "recomendação", em suma, o peso das relações e o intrincado das estratégias familiares contém por muito tempo a ascensão de uma democracia que, mesmo depois do triunfo da República, continuará mitigada. Tal como sublinha Théodore Zeldin, o temor da

estafa, do excesso, subscrito pelo corpo médico, contribui para moderar ambições. Seria preciso acrescentar a influência desta cultura clássica dos humanistas, cuja importância é minimizada por um condescendente desprezo. Quantos homens maduros, leitores de Horácio, não buscaram acima de tudo o *otium* e praticaram o *carpe diem*, à imagem dos prefeitos-poetas descritos por Vincent Wright ou do presidente de Neuville, o magistrado levado à cena por Duranty em *Le malheur d'Henriette Gérard* [A infelicidade de Henriette Gérard]. A busca da estima pública, testemunhada pela idéia fixa da condecoração, sobrepõe-se com frequência à da riqueza; e a difícil posição do novo-rico mostra bem que a mobilidade social não é em absoluto uma simples questão de fortuna.

Então compreendem-se melhor certos resultados da história quantitativa; e antes de mais nada a permanente atração exercida pelas profissões liberais e a função pública. Uma pesquisa coordenada por Duruy em 1864 junto aos alunos do curso clássico dos liceus da província mostra que o direito, a medicina e a escola militar de Saint-Cyr concentram as ambições destes jovens. De qualquer forma, a burguesia prefere o serviço do Estado ao mundo dos negócios. Christophe Charle avaliou bem tanto a solidez dos mecanismos de reprodução como o permanente atrativo dos altos cargos públicos. A Politécnica e outras grandes escolas fascinam, embora a prática de trocar o serviço público pela empresa privada ainda não tenha se desenvolvido e, portanto, este tipo de carreira esteja longe de assegurar a aquisição de uma grande fortuna.

No ambiente operário, o orgulho da competência, o prestígio do fissionalismo limitam o desejo de evasão social; e simultaneamente contribuem para explicar a amplitude da endogamia técnica e as escassas promoções. A multiplicidade das transferências sociais que se operam de uma geração para outra não deve ocultar aqui a estabilidade dominante dos estatutos sociais.

Jacques Rancière evidenciou todavia a profunda influência da experiência vivida, entre 1830 e 1850, por um contingente minoritário de trabalhadores sobre o qual abateu-se um novo mal-estar. Sensíveis à dor do tempo roubado pelo trabalho, estes indivíduos que se sentem vocacionados para coisa bem diferente da exploração sofrem de uma superabundância existencial e tentam libertar-se dela entregando-se a verdadeiros "delírios domésticos". As noites destes proletários, povoadas por sonhos para o futuro, são também freqüentadas pelo paraíso da identidade. É uma tensão minoritária, sentida pelos trabalhadores que vivem como operários mas tratam de falar e escrever como burgueses; e isto ao preço de um imenso esforço em leituras difíceis, sessões de cópia e lições aprendidas de cor. O número, nitidamente mais elevado, de operários parisienses que durante a Monarquia de Julho puderam-se a freqüentar cursos noturnos testemunha a propagação desta

A MODERAÇÃO DAS AMBIÇÕES



ambição proletária. A história das singularidades tempera aqui os mudos dados da quantificação, informando-nos sobre a gênese do desejo.

Também o povo do campo abre-se aos poucos para o sonho do futuro individual; é um engatinhar cujos traços devem ser procurados mais ao gesto que no discurso. Assim, o atroz crime de Pierre Rivière pôde ser interpretado como sinal de tomada de consciência pessoal de um mal-estar coletivo. A formulação de ambições individuais desagrega lenta e muito desigualmente as estruturas familiares, conforme o sistema; constrange as estratégias paternas e vem resolver, muito oportunamente, o problema colocado pelos filhos mais novos da família-tronco. Segundo Grégor Dallas, que estuda o campesinato de Orléans, o progresso da individualização distende o vínculo que ligava a mãe aos filhos, aumenta o sentimento de insegurança e leva à implosão de uma "economia campesina" que de outra maneira teria sobrevivido às conturbações econômicas. Aqui, longe de curvar-se perante o menino-rei, a família desloca-se pelo desvanecimento da relação afetiva. Seria fácil detectar vários outros aspectos desta crescente desenvoltura em relação aos seus, deste definhar do sentimento. Um exemplo entre outros: a partir da Restauração, o imigrante de Creuse começa a recusar ao pai o montante de suas economias; dentro em breve, passará longos anos sem rever e abraçar sua mãe e suas irmãs.

Três formas de ambição instigam os jovens do campo, moldadas de acordo com suas hierarquias intrafamiliares, em especial conforme o posto ocupado em relação aos irmãos: 1.ª) a vontade de adquirir o estatuto de proprietário, projeto tradicional, mais fácil de realizar que no passado, testemunhado pela elevação do valor da terra, o retalhamento das parcelas e a retomada de grandes movimentos de arroteamento; 2.ª) o desejo de alçar-se a uma dessas raras profissões-de-transferência, como a de moleiro e sobretudo a de taverneiro, que, como Ronald Hubscher mostrou a propósito das zonas rurais de Pas-de-Calais, constituem os trampolins indispensáveis ao sucesso social; 3.ª) a emigração definitiva para a cidade, experiência de exílio cujos riscos são temperados pelas redes de solidariedade, de acolhida, colocação e aliança, quase sempre com base regional, estruturadas na urbe ao longo de décadas. Ali se elaboram as novas relações, os novos itinerários que permitem à geração seguinte empreender uma verdadeira ascensão. O caso dos imigrantes vindos de Auvergne, examinado por Françoise Raison, é exemplar.

Não esqueçamos a vocação, ápice da escala das ambições, cujo caráter irrepreensível freqüentemente perturba — ou exalta — a vida privada das famílias do século XIX. O modelo da vocação religiosa incrementa seu domínio, como demonstra, ainda uma vez, o aumento dos efetivos eclesiásticos até o advento da Terceira República. A extensão social do recrutamento varia a tal ponto conforme as dioceses que parece inútil tentar mesmo uma breve síntese. No máximo podemos

O heroísmo, o valor viril, a criação literária e artística, o talento oratório organizam os sonhos de construção de si próprio. A reprodução das elites do século XIX passa pelas faculdades de direito ou medicina e, sobretudo, pelas grandes escolas cujo uniforme continua a focalizar as ambições. A freqüência dos fracassos alimenta muita amargura entre os reprovados nos vestibulares, obrigados a se contentar com empregos subalternos.

AS FIGURAS
DA VOCAÇÃO



Entre a assinatura da Concordata (1801) e o fim do Segundo Império, multiplicam-se as vocações femininas. Segundo Claude Langlois, elas alcançam 0,8% da população de mulheres. Tanto na sociedade como no seio da família, a Igreja da França conta com o sexo frágil para levar a bom termo a conquista das almas. (Jules James Rougeron, Ordenação no Carmelo. Museu de Dijon.)

destacar globalmente a progressiva "ruralização" do clero. Amiúde, o primeiro chamamento faz-se ouvir à véspera da primeira comunhão, por ocasião desta crise de misticismo tão bem relatada, fora de época, por George Sand e vivida com tanta intensidade pela desgraçada Caroline Brame. Após 1850, a exaltação da figura do anjo, o crescimento do culto a Maria, a promulgação do dogma da Imaculada Conceição, a onda de devoções que conduz ao enaltecimento da personalidade de numerosos santos até então negligenciados e o recuo do antimisticismo anterior concorrem para exacerbar um sentimentalismo juvenil contido em seus impulsos pela negação circundante do corpo. A grande eclosão da *mariofania*, que se desenvolve em La Salette (1846) e Pontmain (1871), atesta a presença celestre e aumenta a frequência dos apelos.

Seria também conveniente refletir sobre o deslocamento contemporâneo de uma figura laicizada de vocação. Certos políticos burgueses, apóstolos populistas, testemunham com suas vidas a realidade da

transferência. O riquíssimo quarentão Ferdinand Gambon perde quinze anos de sua vida no cárcere, resiste às súplicas de sua família e de sua noiva, suporta as sutis sevícias dos carcereiros para não ter de solicitar o perdão imperial; libertado, por fim, devota à causa republicana o resto de sua existência. Numerosos militantes operários, que vivem uma peregrinação quase apostólica, muitas feministas, que decidem permanecer virgens ou pelo menos solteiras, várias educadoras ascéticas modelam, mais ou menos conscientemente, sua conduta conforme o antigo figurino. E já faz bastante tempo que Françoise Mayeur destacou o aspecto conventual da Escola Normal de Sèvres. Certamente seria frutífero reexaminar nesta perspectiva, de consagração do indivíduo privado e dissolução no sonho coletivo, os inúmeros verbetes do *Dictionnaire du mouvement ouvrier* [Dicionário do movimento operário], publicado pelo infatigável Jean Maitron.

Enquanto aguardamos, uma certeza se impõe, encerrando este esboço de uma história da ambição: a frequência e amplitude da decepção. Em 1864, os alunos do curso clássico sonham com carreiras de generais, grandes proprietários ou advogados; imaginam-se reitores, funcionários do registro civil, meirinhos. A decepção do bacharelado mostra-se simétrica à da juveninha, burguesa ou camponesa; esta sonha com o príncipe encantado ou o belo companheiro mas não ignora que a estratégia matrimonial, cujos imperativos interiorizou, irá atirá-la nos braços de um celibatário envelhecido ou de um triste palerma.

tolo

A VACACIONE